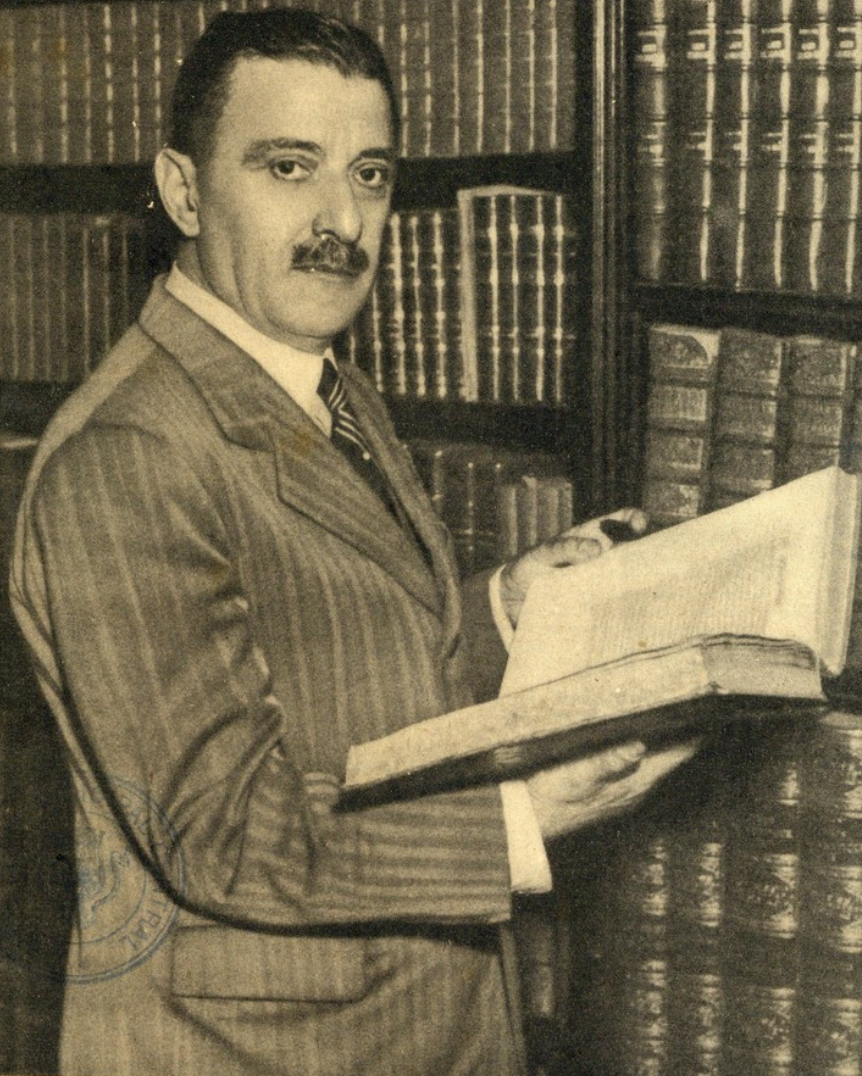


214 A  
-0. NOV. 1935



# VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

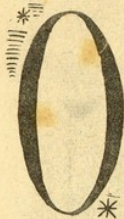
SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO II—N.º 63—LISBOA, 30 DE JULHO DE 1942  
PREÇO: 1 ESCUDO

O SR. CONDE DE TOVAR, ilustre ministro de Portugal em Berlim, fotografado especialmente em sua casa, para «Vida Mundial Ilustrada», durante a sua recente visita a Lisboa.  
(Cliché Serra Ribeiro)

# Se os alemães conquistassem o Cáucaso

## um artigo de Carlos Ferrão



Os homens batem-se nas mais diversas latitudes, sob os mais diversos climas, por entre os mais diversos obstáculos. A batalha estende-se desde as regiões que ficam próximo dos círculos polares até às imediações da zona equatorial, desde as paragens distantes onde o sol nasce até aquelas onde ele se põe, em Murmansk, nas Aleutianas, na Austrália, no Cabo da Boa Esperança, nas estepes da Rússia e nos desertos da África, nas costas de todo o mundo, de Yokohama às Caraíbas, no Atlântico e no Pacífico, no Índico e no Ártico, no Mediterrâneo e no Báltico, em todos os continentes e em todos os oceanos, em todas as terras e em todos os mares.

Há, porém, no meio desta variedade geográfica, que impressiona, e desta vastidão, que perturba, um nome que domina as imaginações e cega os combatentes, preocupa os chefes e atrai os soldados. Um nome que brilha com um prestígio mágico de El Dorado e com uma vibração alucinante de Terra Prometida, que, ao mesmo tempo, seduz e amedronta. É o Cáucaso, a terra rica e distante que forma como uma ponte entre a Europa e a Ásia imensa e misteriosa.

Por mais duma vez se tem assinalado aos exércitos alemães esse objectivo final para a rude campanha em que se empenharam, quando há um ano as suas tropas penetraram, em som de guerra, no território russo. A realização desse objectivo não daria ao Reich uma vitória total sobre o seu mais poderoso rival militar. Dar-lhe-ia, porém, além de um espantoso acréscimo do seu potencial económico, e portanto do seu potencial de guerra, as condições para negociar vantajosamente com os países anglo-saxónicos uma paz que seria, em última análise, a consagração das suas reivindicações essenciais. A vitória militar, nessas condições, criaria a base sólida para uma nova política cujas largas perspectivas os dirigentes alemães encaram com justificado interesse.

Em relação a Londres e a Washington, que dominam a maior parte das riquezas do mundo, Berlim poderia falar em pé de igualdade. Além dos valores económicos que encerra, o Cáucaso, pela sua posição geográfica, tem uma importância estratégica decisiva e um significado político que nenhum dos países interessados na luta ignora.

### AS PERSPECTIVAS DUMA VITÓRIA ALEMÃ

Essa região extensa e privilegiada que se estende entre o sul

da Rússia e o Próximo Oriente, tendo a limitá-la, dum lado, o Mar Negro e do outro o Mar Cáspio, encerra a quasi totalidade dos jazigos petrolíferos que alimentam a indústria soviética e os exércitos poderosos que dela vivem. A sua produção anual anda à volta de trinta milhões de toneladas de carburantes. Para um exército altamente motorizado como é o exército vermelho, compreende-se o prejuízo fatal que representaria a sua perda.

Ao mesmo tempo o Cáucaso ocupa uma posição preponderante sob o ponto de vista estratégico. É por intermédio do seu território que se estabeleceram os principais núcleos de comunicações, as que servem a vida interna da U. R. S. S. e as que estabelecem as relações entre este país e os seus aliados actuais, a Grã-Bretanha e principalmente os Estados Unidos. A acção dos aviões e dos submarinos do Reich ameaça incessantemente a rota marítima de Murmansk. É ao longo do Atlântico e do Índico, utilizando as facilidades que lhes deu a posse do Irão e as transformações operadas neste país (estadas, caminhos de ferro, etc.), que o material de origem anglo-americana chega às tropas soviéticas, cobrindo o «defeito» de produção que a indústria russa acusa.

Se os alemães e os seus aliados ocuparem completamente o Cáucaso, os resultados dessa vitória militar retumbante são fáceis de calcular. Os exércitos russos ficariam irremediavelmente separados. Os envios de material anglo-saxónico, pelo sul, interromper-se-iam ou estancariam mesmo de maneira definitiva se a utilização do Cáspio se revelasse impraticável. O comando soviético e a indústria russa ficariam sem a sua mais importante e hoje quasi única fonte de carburantes. O exército vermelho poderia apenas continuar a bater-se na medida em que os seus chefes tivessem feito reservas ou em que se organizasse a exploração dos jazigos da Ásia, tarefa quasi impossível de realizar para um país em guerra e, tendo a parte mais rica do seu território sujeita à ocupação estrangeira.

A esquadra soviética, uma vez perdidos os seus últimos portos de refúgio na costa caucasiana, Poti e Batum, seria obrigada a afundar-se ou a refugiar-se em portos turcos. O regime soviético não deixaria de acusar a gravidade do golpe recebido.

### POSSIBILIDADE DUMA PAZ BRANCA

Mais grave do que tudo isto: a segurança do Império britânico e do seu sistema actual de comunicações ficaria irremediavelmente comprometida. Num prazo de tempo, mais ou menos longo, seria possível concentrar as forças ne-

cessárias para desencadear uma ofensiva em forma contra as posições británicas do Próximo Oriente (Irão, Irak e Palestina), abrindo simultaneamente às potências signatárias do pacto tripartido o caminho apetecido de Índia e do Canal de Suez. Todo o sistema imperial britânico, a leste, aluiria batido pelas vagas duma poderosa ofensiva alemã. Alemães e japoneses poderiam encerrar, seriamente, a possibilidade de se darem as mãos. Restaria aos aliados anglo-saxónicos, com os seus enormes recursos, a capacidade de continuarem a bater-se, mas apenas no hemisfério ocidental e nos confins africanos e australianos. O panorama geral da luta apareceria completamente transformado. Se, por hipótese, os soviéticos continuassem empenhados nessa luta, ficariam reduzidos a bater-se por detrás do Volga e dos Urais e a defender desesperadamente as suas posições actuais de Moscovo e de Leninegrado.

As perspectivas políticas que abriria uma tal situação militar permitiriam ao Reich afirmar a inanidade do bloqueio, a improficuidade dos bombardeamentos aéreos, a esterilidade do prosseguimento da luta. De posse do celeiro da Ucrânia, da região industrial do Donetz, dos jazigos petrolíferos do Cáucaso, o Reich estava em condições de pôr a aptidão técnica dos seus economistas, dos seus financeiros, dos seus chefes de indústria e dos seus operários especializados, ao serviço da reorganização do continente. Nos países ocupados, onde é agora tão vivo o sentimento de hostilidade contra o invasor, criar-se-ia, decerto, um novo estado de espírito. A lei do mais forte impor-se-ia com tanto mais firmeza quanto é certo que as exigências da guerra não teriam desaparecido, mas que as fronteiras da guerra se teriam afastado, permitindo pensar nos remédios que as feridas abertas por ela requerem imperiosamente.

Simultaneamente o quadro da diplomacia europeia e mundial altera-se profundamente. Essa alteração seria desde logo sensível nos países que, pela sua proximidade geográfica, sentiriam directamente as consequências imediatas da vitória alemã.

### PODE O CAUCASO SER CONQUISTADO?

Estas considerações, que naturalmente afloram a todos os espíritos em Berlim, não são ignoradas nem em Londres, nem em Washington, nem principalmente em Moscovo. A conquista do Cáucaso... Será essa conquista uma empresa fácil? Será, ao menos, uma empresa realizável? A Wehrmacht tem realizado, no decurso desta guerra, empresas tão difíceis, na aparência e na realidade, que há uma tendência natural e compreensível para conside-

rar que nenhum obstáculo, por mais poderoso, é capaz de deter a sua marcha.

Não foi ela capaz de ocupar, com uma rapidez fulminante, quasi todos os pequenos países da Europa, de derrotar o exército francês e dominar a linha Maginot, de alcançar Creta e submeter os Balcãs, de penetrar em território russo numa profundidade de mais de mil quilómetros e de levar as tropas imperiais, habituadas à guerra do deserto, até às portas de Alexandria? Agora mesmo, por uma sábia organização do sistema de comunicações que utilizou em território inimigo, não está ela progredindo no sul da Rússia, projectando a sua sombra gigantesca sobre o Don, alongando-a até ao Volga, depois de ter conquistado, embora à custa de perdas sangrentas, a fortaleza de Sebastopol?

E entretanto seria ilusório supor que a Wehrmacht é capaz de realizar aquilo que excede a capacidade de realização do homem, pois são homens que a inspiram e compõem. Assim o mundo assistiu aos esforços que empregou, em vão, para dominar o ânimo da população da ilha britânica e para invadir esta ilha; e assistiu ao espectáculo impressionante de ver a mais poderosa máquina militar de todos os tempos deter-se a poucos quilómetros de Moscovo, incapaz de realizar o derradeiro esforço que bem podia assegurar-lhe a vitória definitiva. Ainda agora assiste à tentativa grande, mas inútil até este momento, de envolver o exército vermelho e de liquidar as tropas do inimigo que operam no Egipto. Por muito rudes que sejam os golpes despedidos contra a navegação anglo-americana ainda lhe não foi possível resolver a seu favor a batalha crucial do Atlântico.

A conquista do Cáucaso será, em qualquer hipótese, uma empresa difficilíssima. É particularmente difficil numa altura em que os exércitos alemães foram experimentados por uma luta que dura há cerca de três anos. Dois factores inesperados poderiam contribuir para facilitar, em condições decisivas, a tarefa do Reich: uma transformação política no interior da Rússia, uma modificação radical na atitude da Turquia.

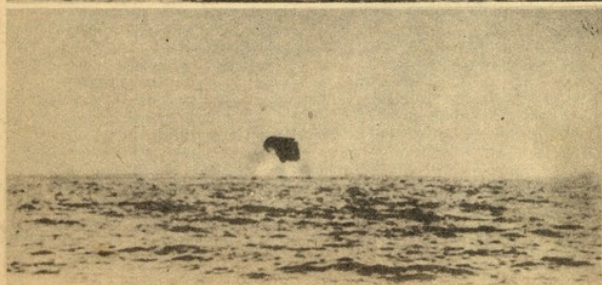
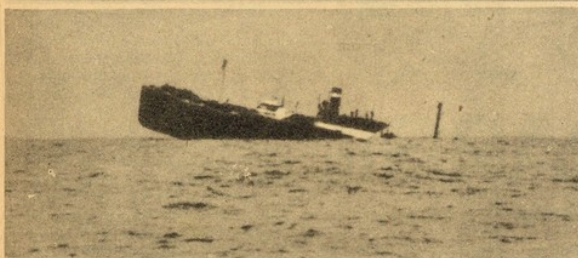
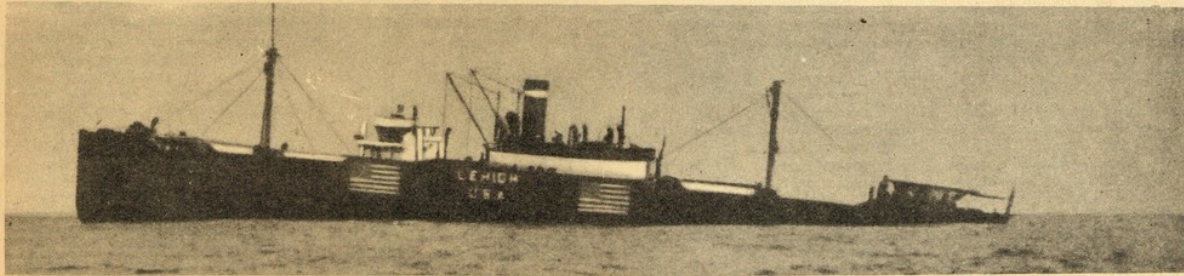
### AS DIFICULDADES DA CAMPANHA

Sem a intervenção de qualquer desses dois factores e reduzida aos seus dados especificamente militares, a campanha do Cáucaso será, sem dúvida, a mais rude que a Wehrmacht eté agora tem affrontado. Para a levar a bom termo torna-se necessário: separar o exército do Cáucaso do resto das forças russas; dominar o sistema fortificado que partindo de Rostov

(Continua na pág. 18)



UMA SESSÃO DO GRANDE ESTADO-MAIOR JAPONÊS — Atitudes hieráticas, silêncio que é pronúncio de grandes decisões, eis o que estes generais nipônicos nos mostram na gravidade das resoluções que se tomam nestas assembleias, às quais só um restrito número de pessoas é dado assistir.



UMA IMPRESSIONANTE REPORTAGEM FOTOGRÁFICA — Documentos raros de trágica beleza: As diferentes fases do afundamento do barco de carga americano «Lehigh», torpedeado por um submarino ao largo da costa da Serra Leoa.

# A frota de guerra Soviética

Uma crónica naval por Maurício de Oliveira

**M**UITA gente tem pretendido — tal como de facto se dava e dá com a frota japonesa — fazer poder os efectivos navais russos de certa e aparatoso misterio. Simplesmente, se a esquadra nipónica é, ainda hoje, uma força naval da qual muito pouco se conhece, além dos nomes e características de um certo número de navios mais antiquados, a frota soviética não constitui um tão grande segredo como se tem pretendido fazer crer.

Não se sabe quantos submarinos tem a Rússia? É certo. Mas esse facto não pode levar à conclusão de que a frota soviética é um mistério. O submarino é uma arma terrível, sem dúvida, mas estes três anos de luta já demonstraram que essa arma não basta para decidir de uma guerra, especialmente quando o atacado pode suprir, no ritmo necessário, as perdas sofridas.

À parte o aspecto submarinos pode dizer-se — e a guerra com a Alemanha veio demonstrá-lo — que a esquadra russa é uma força naval de segunda ordem, sem tradições que a recomendem para novos e importantes cometimentos. Vejamos por partes.

**Distribuição de forças** — A Rússia tem as suas forças navais distribuídas pelo Báltico, pelo Mar Branco, pelo Oceano Glacial Ártico, pelo Mar Negro, pelo Pacífico e por outras regiões de importância secundária.

Com um total de efectivos que compreende 40.000 homens, incluindo o pessoal de voo e das defesas costeiras, a frota soviética não atingiu nunca a grandeza que os sonhos de Nicolau ou de Stalina alimentaram.

Depois do grande esforço de 1914-1915, que marcou o lançamento à água de três couraçados de 26.000 toneladas, começados todavia em meados de 1909, a Rússia construiu essencialmente meia dúzia de cruzadores ligeiros, renovou uma parte das suas flotilhas e construiu um número, de facto ignorado, de submarinos, que não devia ir, contudo, além de 150 unidades, à data do rompimento germano-soviético.

Um sintoma de que a indústria não dava todo o seu rendimento, está no facto de, em 1937, por exemplo, a Rússia ter encomendado a estaleiros italianos um condutor de flotilha de quasi 3.000 toneladas de deslocamento. O estaleiro Orlando, de Livorno, foi autorizado a aceitar a encomenda e o navio, que deu nas provas de mar a velocidade de 44,2 nós (êxito admirável para a construção naval italiana) recebeu o nome russo de «Tashkent».

E, já que falámos na distribuição de forças, deveremos consi-

derar que, seja ela perfeita ou não, esse facto parece ter influência mínima na condução das operações navais e, conseqüentemente, no desfecho que o conflito russo-alemão venha a ter, como adiante mais largamente referiremos.

**Esquadra do Báltico** — A esquadra do Báltico, pela própria natureza da sua missão e do seu campo de acção, desenvolve actividade num mar praticamente fechado. Compreendia esta força naval (referimo-nos sempre à data do início da guerra com o Reich) dois couraçados de 26.000 toneladas — o «Marat» e o «Revolução de Outubro» — navios velhos que sofreram remodelação; um porta-aviões moderno, para 32 aparelhos — o «Vorochilov»; quatro cruzadores modernos de 7.800 toneladas; um velho cruzador de 5.622 toneladas — o «Aurora»; uns quarenta contra-torpedeiros e pequenos torpedeiros, muitos dos quais bastantes antiquados; algumas dezenas de submarinos — entre os quais, muitos prestes a atingir o jempo máximo de serviço — e um número avultado de canhoneiras, vedetas, navios mineiros, transportes, etc.

Esta esquadra tem a sua base principal em Kronstadt — objectivo quasi diário da aviação alemã, por vezes com êxitos assinalados.

Uma fotografia eloqüente, que vimos recentemente, mostrava um dos dois couraçados de 26.000 toneladas, quasi cortado em dois, após a explosão de uma bomba certa da dos «stukas». Deve-se contar, pelo menos com esse navio, fora de serviço por muitos meses, mas há a registar, por virtude de violentas acções aéreas, outras unidades afundadas ou inutilizadas por largo tempo.

**Esquadra do Mar Negro** — É muito inferior à do Báltico, a frota do Mar Negro, com base em Sebastopol até há pouco tempo.

Compreende apenas um couraçado de 26.000 toneladas, também antiquado — o «Comuna de Paris»; um porta-aviões moderno, mas apenas para 22 aparelhos — o «Staline»; sete cruzadores de 6 a 8.000 toneladas, mas nem todos modernos; quinze contra-torpedeiros e torpedeiros, quasi todos de modelo antigo; algumas dezenas de submarinos e um certo número de navios auxiliares, no qual figura apreciável percentagem de vedetas-torpedeiros.

As restantes unidades navais soviéticas encontram-se distribuídas pela base naval de Vladivostok e por outros mares onde a Rússia tem interesses.

**Um ano de guerra com a Alemanha** — Ao cabo de um ano de hostilidades com o Reich e com os seus aliados (convém não esquecer as vedetas finlandesas, no norte, e as italianas no Mar Negro) qual é o balanço do esforço militar da frota soviética?

Não está esse esforço ilustrado nem por uma batalha naval (vrio-

riosa ou não) nem por golpes tácticos que tenham entravado grandemente a acção do inimigo.

Tanto no Báltico como no Mar Negro, os navios de maior tonelagem não têm passado de baterias flutuantes com os seus canhões de 305 ou de 180 mm. e de avios, mais ou menos fáceis, para a aviação alemã. Se, uma vez ou outra, levaram a cabo a protecção de qualquer desembarque, não há notícia de que essas acções, à parte na defesa de Sebastopol, tenham contribuído de maneira decisiva para a marcha da guerra.

Não há notícia também de que as flotilhas ligeiras do norte tenham ajudado as esquadras inglesa e norte-americana a escoltar

os combóios de reabastecimento da Rússia, saídos da América. Esta circunstância depõe a favor da forte pressão desenvolvida pela pequena armada finlandesa e pelas forças navais alemãs no Báltico e zonas circunvizinhas.

No Mar Negro, à parte o apoio dado aos defensores de Sebastopol, com um ou outro desembarque útil e ainda com a utilização dos cruzadores como baterias flutuantes, a acção da frota russa não preenche capitulo apreciável da guerra.

Só os seus submarinos, tanto no norte como no sul, têm desenvolvido actividade, por vezes notória, mas, a reforçar um ponto de vista anteriormente exposto, como se vê, a acção submarina (mesmo que se trate de navios e de equipagens tão boas como as dos alemães) não chega para decidir da guerra.

O sr. Molotov afirmou em 1938 que a Rússia devia possuir uma frota oceânica mas reconhecia que esse sonho era irrealizável enquanto não estivessem instalados certos estaleiros que nos empenharemos em concluir o mais rapidamente possível.

Mas depois disso — garantia ainda o sr. Molotov — construiremos então poderosas unidades.

Votou-se efectivamente um grande programa naval e começaram-se algumas construções, mas a guerra, veio vibrar um golpe fatal precisamente sobre os dois novos navios de linha de 35.000 toneladas que constituíam a espinha dorsal da nova Armada soviética.

Um deles — o «Terceira Internacional» — em construção nos estaleiros de Leninegrado, está destruído pelos bombardeamentos sucessivos da aviação alemã, sem ter chegado, sequer, a ser lançado à água.

O outro, que ainda não tinha nome, foi surpreendido, em plena carreira de construção, pelos alemães ao tomarem a cidade industrial de Nicolaiev, no Mar Negro. Os russos tertaram ainda dinamitá-lo e fazê-lo ir pelos ares, mas um filme alemão da tomada da cidade e do porto, mostra o gigantesco navio, intacto, no estaleiro. Quem sabe se, daqui a algum tempo, ele não sulcará as águas do Mar Negro ostentando uma grande bandeira com a cruz suástica...

Os marinheiros russos não têm tradições — é inegável — e pode pensar-se que a sua frota nunca teve uma boa estratégia a protegê-la.

De resto, já depois da Grande Guerra de 1914-18, o capitão de fragata Graf, da que fôra a Armada Imperial, reconhecia no seu interessante livro «A Marinha russa na guerra e na revolução» esta verdade:

Devido a diversas circunstâncias as operações da frota russa do Báltico não foram muito intensas durante a guerra.

A História, ao que parece, vai repetir-se.

## Os DENTES só nascem duas vezes Defendei-os desde a infância com



# PARGIL

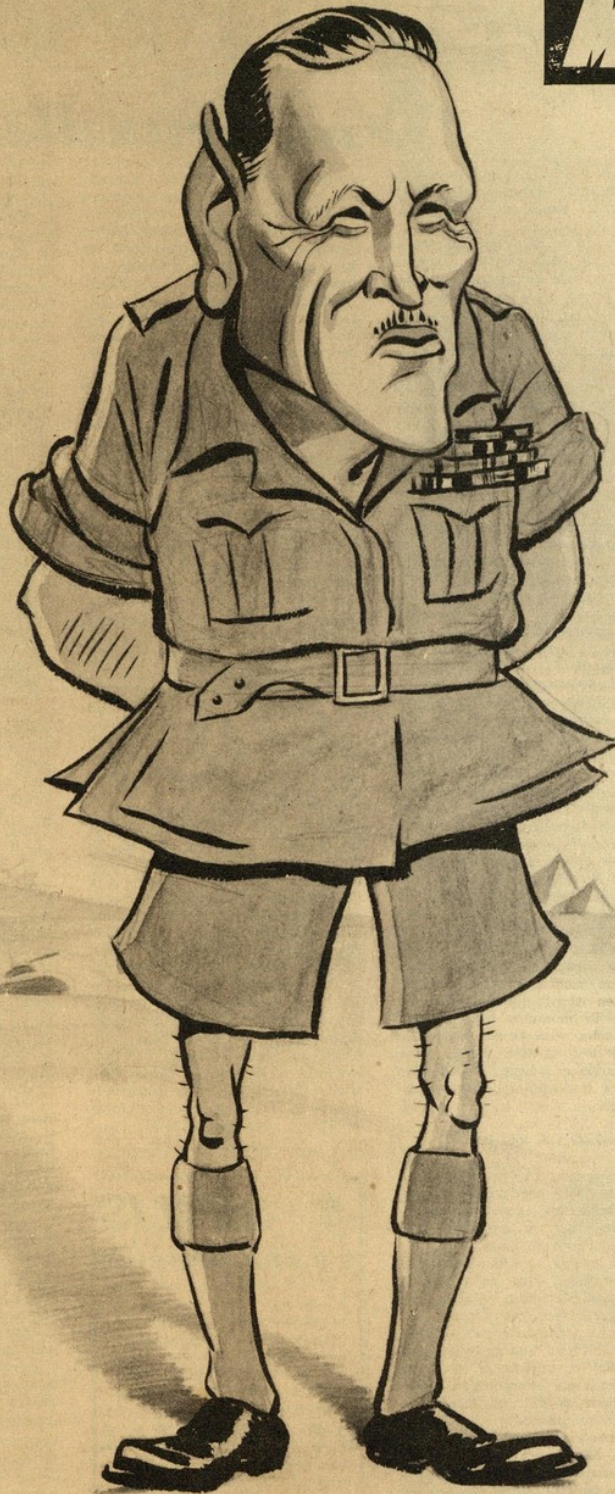
(Produto medicinal)

**PARGIL**, duma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbicida que metódicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

**PARGIL** não mascara falsamente o hábito nem se limita a evitar as doenças. **Ataca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.**

**NAS FARMACIAS E DROGARIAS**

# Figuras da Vida **MUNDIAL**



O GENERAL AUCHINLEK que deteve o avanço alemão em El Alamein e comanda os grupos de exércitos britânicos do Médio Oriente, aos quais, neste momento, incumbe uma tarefa muito difícil. (Caricatura de Sant'Ana)

# panorama internacional

## Dias de febre

por Francisco Velloso

**A**oitava passa numa rajada de dramáticos alarmes. A batalha de leste atinge o máximo da febre. Ve-se agora como é dela que depende o destino da guerra, e que jamais foram cálculos sem fundamento as afirmações que sempre assim a consideraram. Os alemães jogam o todo pelo todo. Os aliados não correm outro risco. Dir-se-ia que na palma da mão de Timochenko e na alma guerreira do povo russo a causa das Nações Unidas entrou em decisivo transe.

### A BATALHA MAIOR



ZUKOV

Os limites em que o grande pleito evolue continuam inalteráveis entre 16 e 24 de Julho. No primeiro destes dias Von Bock começava o ataque a Rostov. Os 100 quilómetros entre Tangarog e Estalinegrado atraíam o feld-marechal. O triângulo Voronej-Estalinegrado-Rostov encerrava a perspectiva estratégica da batalha. A frente alemã desenrolava-se no baixo Don desde Estalino a noroeste de Rostov até cerca de 200 quilómetros a noroeste de Estalinegrado sobre o Volga. A retirada de Timochenko continuava. O comentador russo major-general Zuraliev, embora prevendo o alinhamento de uma nova frente, sentia que, diante das grandes forças do «Eixo», a verdade era que os russos «combatiam isolados», e que «os alemães esperam batê-los antes de se abrir uma segunda frente europeia no ocidente».

A 17, a retirada, em combates ferocíssimos de «protecção das retaguardas», abandona Millerovo e Boguchar. Diante de Millerovo é terreno aberto, sem obstáculos naturais. É talvez este o dia sombrio. O movimento de Timochenko, evitando a batalha ao grosso das reservas que estão para lá do Don, para trazer o máximo dos efectivos em combate até uma nova frente prefixada, opera-se tendo por fulcro a resistência em Voronej. E ela nesse dia, felizmente para ele, agüenta-se porque os alemães entram no dia seguinte em Vorochilovgrado. Então Von Bock faz entrar em pressão maior a ofensiva a 150 quilómetros a norte de Rostov, a 60 para oeste de Tangarog. O exército russo livra-se num salto de um desastre. A batalha da bacia do Donetz está a findar. Os russos deixam as últimas terras da Ucrânia. Vai principiar a batalha do Don inferior, a batalha de Rostov. Voronej mantém-se. Timochenko alinha as reser-

vas. Os adversários medem-se. Em Washington volta a reclamar-se que se corram todos os riscos da segunda frente.

Entre 18 e 19, Von Bock surge para lá de Millerovo em Kernanskaya, cortando em enorme extensão a via férrea, aliás já interrompida, de Rostov para o norte, e reagrupa forças para o grande impulso que o vai levar ao cotovelo do Don. A 19, porém, as notícias de Voronej começam a mudar. Os alemães têm de trazer para ali novos efectivos das suas reservas, porque Timochenko apresenta-lhes tropas frescas e bem equipadas e passa o rio Don para ocidente. Há unidades alemãs tiradas de outras frentes e da extrema retaguarda. Paire no entanto a pergunta, se Timochenko poderá assim alquebrar ali contra Von Weich o impeto germânico do general Von Swodler no sul.

A 20, de uma parte e outra, as reservas afluem. As do marechal russo acodem em massa, sob o comando de Lvof, pelo Volga e pelo Mar Cáspio, do Cáucaso e da Pérsia. Fala-se vagamente em 2 a 3 milhões de homens. «Só por um milagre!», dizem de Moscovo os correspondentes ingleses, a «situação pode salvar-se». Forças e forças alemãs, com divisões trazidas de França e da Holanda, entram nas estepes. Para Voronej trazem de avião tropas de Briansk e outras, substituídas em Millerovo. O presidente Benés, ao passar em Londres revista a tropas checas, diz-lhes que a próxima lhas passará em França. As tropas russas que retiram a 21 diante dos dois movimentos alemães, um para leste, outro para sul, estão ainda longe das bases. E o que surpreende é que o avanço alemão não pode ser feito em avalanche, embora as colunas blindadas hajam perfurado as linhas russas em recuo. Em Voronej a iniciativa passa para Timochenko e Zukov. Os alemães recuam e levantam febrilmente fortificações.

### NO RASTRO DA RETRADA



ROMMEL

No dia 20, a agência a officiosa francesa comentava assim de Estocolmo: «As operações que se desenvolvem entre o Don e o Donetz caracterizam-se por luta de velocidade entre as forças de Timochenko que retiram para Estalinegrado e as de Von Bock, que procuram cortar-lhes a retirada. Os combates das retaguardas são muito intensos. Moscovo afirma que a retirada prossegue em boa ordem e que o grosso das tropas escapou até agora ao cerco. Por outro lado, os informadores autorizados alemães sublinharam o carácter «elástico» da defesa de Timochenko,

admitindo por consequência que não foi possível realizar uma manobra de cerco e de aniquilamento no estilo daquelas do ano passado. A retirada rápida das forças russas foi uma surpresa para o comando alemão, mas este conta, no entanto, vibrar-lhe tal golpe que não lhe seja possível reagrupar-se e organizar uma resistência eficaz antes do desencadeamento de novo ataque alemão.»

O general alemão Dietmar, diz pela rádio: «Os russos estão a retirar com a clara intenção de oferecerem verdadeira resistência nas margens do Don. Os nossos planos têm que depender até certo ponto da tática dos russos, à medida que ela nos é revelada pelo decorrer da batalha. Devemos esperar que eles contra-ataquem com forças consideráveis quando julgarem chegado o momento de o fazerem. Quando isso acontecer, não seremos apanhados de surpresa. Temos em qualquer hipótese uma poderosa linha de defesa à retaguarda da nossa presente frente, de cerca de 75 milhas.»

Um comentário completa o outro. E o crítico da «Militärische Korrespondenz» conclue: «As presentes batalhas não são uma preparação para futuras campanhas. São acções decisivas que conduzirão à vitória ou à derrota.»

A 23, os alemães atravessam as linhas do baixo Don, e Von Swodler faz marchar então as divisões de Tangarog. A ofensiva alemã faz-se do norte, nordeste e poente, e a linha do Don é alcançada. Reforços russos lançados a tempo, impediram os alemães de romper o alto Don para leste de Boguchar, até à confluência do Koper no grande rio. A 24, o avanço alemão atinge os alvos, em Ielanska, em Timlyanskaya, a sueste de Vorochilovgrado, percorre o cotovelo do Don, apodera-se de Novocherkassk, a 15 quilómetros de Rostov, a cidade que afina arriscadamente o flanco esquerdo de Timochenko e é a chave do avanço alemão para o Cáucaso.

que aliás pode ser visado também por Kertch, na Crimeia.

Os adversários, por assim dizer, encaram-se. Mas pela segunda vez, a ofensiva russa de Voronej chama sobre si o furor da luta. O alto comando alemão tem de olhar para ela com urgência, antes de travar a batalha do sul. A retirada russa terminou... Em Londres e em Washington as conferências para uma «segunda frente» sucedem-se...

Rommel passou à defensiva no Egipto.

A guerra entrou na sua grande fase. E agora uma volta ao mundo.

### FUMOS



WAVELL

Depois que o general Wavell fez novos fins de Junho, em Nova Delhi, do governo imperial, o relato da situação geral e quando mais pacífica que ante o inimigo, certo senso geral de patriotismo, ou até o próprio espírito de conservação, aquietara as relapsas divisões da Índia. Gandhi, sempre reelho, reiniciou no seu velho bluff da desobediência civil, bordão a que se arrima a fama do seu nome, a que só o tam-tam da imprensa mundial europeia, com falta de novelas, deu imerecida aura, como sabem aliás todas as pessoas que conhecem a Índia e não curam por oitaveia.

Gandhi, já nos meados do mês passado em Wardha, disparara à Reuter a ideia de um tratado entre a Índia e as Nações Unidas para a defesa da China, mas que esse tratado teria por condição a independência imediata, o «leit-motif» do Partido do Congresso. O chefe liberal Setalvad veio, porém, a terreiro objectar com clarividência:

«O resultado inevitável da retirada britânica nesta ocasião seria o facilitar a conquista da Índia pelo Japão. A Índia passaria, assim, de um domínio para outro. É espantoso como pessoas de grande inteligência e patriotismo, como Ghandi e Nehru, fecham os olhos à realidade e se iludem a si próprios.»

Gandhi numa carta a Chang-Kai-Chek ia, porém, mais longe. Se as tropas inglesas não saíssem, ele entendia que a resistência ao invasor não era possível! A reinício do Congresso era anunciada para 6 do mês corrente. Com os agentes do «Eixo», Chandras Bose reünia um pseudo-congresso em Bangkok como ponto de aglutinação de dissidentes explorando a loucura gandhista à maravilha. Mas logo ao fim de junho a ideia da retirada das tropas britânicas provocou discussões e manifestações contra os indus que queriam abrir as portas ao invasor.

## A SÍFILIS e o seu remédio

Combater a sífilis sem abalo no organismo com um tratamento cómodo e económico, actuando em todas as manifestações da doença, tratamento feito durante os trabalhos ou ocupações do enfermo, consegue-se com o

### DEPURATOL

que logo de início dá alívios, bom apetite de comer e uma boa disposição de espírito.

Tubo, para quasi uma semana de tratamento — 11\$00.

EM TODAS AS FARMÁCIAS

Uma personalidade política de Bombaim declarava que se os índios, à última hora, não mudassem a sua atitude, deixar-se-ia de falar em Pakistão, para se falar em «japuzistão», ou mesmo em «Kasratar», o que significa «Estado Cemitério», no qual ficariam enterradas todas as esperanças de independência da Índia.

O caso era assim mesmo, Nehru teve de vir alegar que ninguém compreendera as palavras do Mahatma, e recuou dizendo que a partida dos ingleses não podia ser brusca... No dia 3, Londres convidava a Índia a enviar representantes oficiais ao Gabinete de Guerra e no Conselho do Pacífico. Judahar e o marajá de Navanagar assumiram essa missão. O Conselho de Governo do Vice-rei era ampliado com larga representação da Índia e Wawel continuava comandante-em-chefe com plenos poderes. O compromisso de Cripps cumpria-se. Mas Gandhi voltava à carga. Aceitava que os ingleses e americanos ficassem para morrerem na defesa da Índia mas nem os queria ver. Exigia o governo e a independência. Passava das raías. A Comissão Executiva do Congresso entregou a Gandhi a direcção do partido. A 12 era aprovada a desobediência civil. O Duque de Gloucester visitava os acampamentos da nova Força Aérea da Índia e animava-os com incitamentos. Os muçulmanos resistiam às avançadas convidativas dos hindús. O rajá Galalchahar e membros da Comissão Executiva do Congresso dissidiam. A proposta da desobediência civil ficava para ser apresentada à sessão plenária do Congresso a 7 de Agosto. No dia 15, Gandhi afirmava em Wardha por boca do dr. Azad: «É uma rebelião declarada».

Mas estas palavras não tinham repercussão. Ginnah, presidente da Liga Muçulmana, sabia ao passo do Mahatma, dizendo que ele queria apenas a independência para o Congresso e não para toda a Índia. O «Times» comentava:

«O pedido do desaparecimento imediato da autoridade britânica já foi antecipadamente respondido com a apresentação das propostas de Cripps. Mas as condições do êxito dependem inevitavelmente dos indianos, e não dos britânicos. Todavia a Grã-Bretanha fará tudo o que puder. O que a Grã-Bretanha não pode nem quer fazer é abdicar da sua autoridade num momento de perigo, sem que tenham sido tomadas as indispensáveis providências para a sua transferência para os indianos, garantindo-se a liberdade da Índia, à qual se encontra indissolúvelmente ligada. Não se trata pois, de uma questão de mera casuística verbal».

A questão ficava bem clara. A imprensa americana acusava Gandhi de traição e punha em relevo, e com razão, que o Congresso não é a Índia. A população total do país é de 389 milhões de habitantes, dos quais 255,5 milhões de hindús, 99,25 milhões de muçulmanos, 5,700,000 «sikhs», 1,400,000 «jaims», 25 milhões de várias tribus e 6,300,000 cristãos. Além destes, há ainda um pequeno número de budistas, parsis e adeptos de outras religiões de menor importância.

A China lançava igualmente os seus protestos contra a falta de palavra dada aos compromissos tomados no ano passado. Nehru, colhido, veio com novas explicações capciosas que não convenceram ninguém. Os protestos chineses en-

grossaram com outros de todos os partidos que não podem suportar o exclusivo do poder para o Congresso nem o papado gandhista na Índia: dos chefes liberais de Ayier, futuro ministro das informações, de Khan Noon, o ministro hindú da defesa, do partido trabalhista, da Liga Muçulmana, das Castas Inferiores, dos comunistas, dos diferentes Estados, das classes oprimidas, da Associação Liberal das Províncias Unidas. No meio deste tumulto, a casquinada de Gandhi em Bombaim, depois de mentir de novo ao dizer que, pedindo a retirada das tropas britânicas, não preferia a derrota, mas mostrando logo a unha envenenada: «Quem sabe se a Índia livre não poderá até persuadir o Japão a sair da China».

...O que a Stafford Cripps não há-de ter espantado são estas farfalçadas com o inimigo nas fronteiras. Mas Gandhi, o «puero», que os literatos salivosos da Europa quasi endeusaram, é este mesmo.

**MISTÉRIOS DO ORIENTE**



KING

A luta no Oriente decaiu, quasi subitamente. O Japão, só neste fim julho repetiu na ilha de Papua um assomo de invasão, manifestamente destinado a conservar contra a Austrália a sua ameaça em Port-Moresby. A aviação australiana que incansavelmente bombardeia desde a batalha do Mar de Coral, as dispersas bases nipônicas nas Indias Orientais, acudiu logo alarmada e de rijo contra os escassos dois mil homens que desembarcaram.

A frente da Birmania que as aviações inglesa e norte-americana fustigam dia e noite, tanto a leste como nos portos de acesso, por Akyah, quasi não acusa esboços ofensivos do Japão. A guerra inflamou outra vez as regiões costeiras da China, para onde o alto comando japonês trouxe forças. Estas pronunciaram-se principalmente contra os escassos portos sobrados aos chineses, e ao norte em dois movimentos distintos, um nas provincias de Chekiang onde se aprontam os aeródromos que servirão de base para possíveis ataques ao arquipélago inimigo, e outro visando a interromper as comunicações que continuamente são utilizadas entre a Rússia e a China para o envio de abastecimentos.

Com a ocupação das três pequenas ilhas do extremo ocidental das Aleutas, Agattu, Kiska, e Attu, de



NA SESSÃO SOLENE efectuada no Coliseu dos Recreios para divulgação da mensagem dirigida pelos trabalhadores portugueses ao sr. Presidente do Conselho e da resposta de Salazar — o sr. Manso Preto, presidente do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório das Empresas de Navegação, lendo ao microfone a mensagem dos Sindicatos de todo o país.



UM ASPECTO DA SALA DO COLISEU durante a grande sessão promovida pelos Sindicatos Nacionais.



O GENERAL EISENHOWER (ao centro), comandante das forças norte-americanas estacionadas na Grã-Bretanha, trabalhando, no seu Quartel

guarda à passagem do estreito de Bering, e como escala de defesa contra Alaska, a acção nipônica está presentemente muito longe do que foi, quando a bandeira do Sol Nascente aparecia em Singapura, diante de Ceilão e se anunciava contra Sidney e Port-Darwin.

Vigiam atentos os americanos essas novas posições nipônicas nas Aleutas, e de lá vieram há pouco notícias deles, no afundamento de 6 contra-torpedeiros pela esquadra do almirante King. A imprensa americana manifestava no entanto no dia 7, a opinião de que é forçoso expulsar das Aleutas os japoneses, e até as perdas que estes ali têm sofrido (9 contra-torpedeiros, 1 cruzador, 1 transporte e mais 9 navios danificados entre os quais um porta-aviões) deixa antever que o Japão, ao ocupar aquelas ilhas não o fez com mero objectivo de defender-se, mas de manter contra Alaska e Canadá a presença de um perigo, prendendo simultaneamente uma parte da esquadra inimiga.

A proximidade dos territórios russos da Sibéria originou por sua

vez que no dia 20, em meus officios de Washington circulassem a versão de que tropas japonesas de primeira linha estavam a ser enviadas para o norte do Manchuco, e que um ataque contra a Rússia, simultaneo ao alemão na frente europeia de leste contra Rostov e Estalinegrado viria a ser vibrado, funcionando então as ocupações das Aleutas como interceptação das comunicações russo-americanas. De Xangai, pouco antes de estas notícias serem publicadas, havia-se desmentido tal evento, assegurando-se que este ano não deflagraria conflito entre as duas nações no Extremo Oriente, sendo até já tarde para iniciar ali operações. As relações entre Tóquio e Kubichev seriam normais e, com a troca dos novos representantes diplomáticos, peritos de questões económicas, assás desanuviadas. Mas o nevoeiro que cobre as Aleutas recorda o do mistério que cobre todo o Oriente. Dêle só emerge o grave golpe que a esquadra nipônica sofreu em Midway. E esse pode explicar o resto.

**HOTEL DA COPA**

CALDAS DA RAINHA

Telefone 41

Completamente remodelado  
Esplêndidas salas de banho,  
com água corrente quente  
e fria

Frequêntado pela melhor  
sociedade

ON PARLE FRANÇAIS  
ABERTO TODO O ANO  
NOVO PROPRIETARIO  
E GERENTE  
LUIZ SAUDADE E SILVA

# CALÇADA DA GLÓRIA

## SINFONIA DE ABERTURA

**T**ODOS os dias saem livros novos. Todos os dias se anuncia a publicação de novos jornais. Dentro em pouco, vamos ter mais quatro ou cinco livrarias. A Academia das Ciências vai, ao que nos consta, eleger mais trinta e tantos sócios. Por tudo isto não deveria ser difícil concluir que a Literatura e o Jornalismo estão de parabéns. E, entretanto, que vemos nós, apreciando justamente os factos? Cada vez se publicam mais livros — e cada vez há menos escritores; cada vez se anunciam mais jornais e cada vez há menos jornalistas; cada vez há mais sócios da Academia — e cada vez há menos espíritos académicos. A quantidade está, pois, na razão inversa da qualidade. Para escrever — dando a esta expressão o puro sentido literário que deve guardar — não basta papel e tinta. Pensar todos pensam mais ou menos. Pensar bem é para raros. Tantos escritores, tantos jornalistas, tantos académicos que todos os dias surgem, em plena rua, condecorados pela sua própria Vaidade, não passam de «fazedores» de volumes que nada valem — a não ser a peso... Felizmente que, de quando em quando, ainda aparece que mereça ler-se, mas os verdadeiros escritores, os verdadeiros jornalistas e os verdadeiros académicos nunca, como agora, correram tanto o risco de se ver confundidos nos mesmos adjectivos.

## PEDRO BANDEIRA E A ACTRIZ

**A**QUI, há anos, o conhecido escritor Pedro Bandeira fez uma critica teatral em que apreciava severamente uma actriz, então muito em voga, e que era uma linda rapariga. A actriz jurou vingar-se. Uma tarde, junto do elevador de Santa Justa, ao ver Pedro Bandeira, avançou para ele, de sombrinha em punho, e tentou agredi-lo. Pois sabem o que fez Bandeira? Ao defender-se, aproveitou a oportunidade para se agarrar à sua antagonista — e encher-lhe a cara de beljos...

Não foi uma cena de pugilato: foi uma cena de pugilata.

## UMA IDEIA E UM ALVITRE

**A**distinta poetisa Beatriz Arnut lançou, há tempos, a ideia gentil de abrir uma subscrição entre os transmontanos, e com o produto desta subscrição custear o ensino de duas raparigas de Traz-os-Montes. Não obstante os valiosos donativos recebidos, difficilmente os fins serão satisfeitos, porque a educação duma rapariga — que fará de duas! — demanda hoje um cofre aberto, e não uma subscrição encerrada. Se nos é permitida uma ideia porque se não estabelece, à base do capital conseguido, um prémio anual para a alunata transmontana mais aplicada?

## O GRANDE FONSECA



Há sete anos, annunciou-se a publicação, em Portugal, duma grande Enciclopédia, obra que, nos termos em que se annunciava, não tinha similar entre nós. Pouco depois surgiu o primeiro fasciculo da letra «A», trazendo, à maneira de prefácio, duas páginas elucidativas da obra a realizar — e que se chamaria «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira». Como o indicava, desde logo, o seu próprio nome, este trabalho, verdadeiramente monumental propunha-se dar a conhecer, por ordem alfabética e de modo, tanto quanto possível perfeito, a terra Portuguesa e a terra Brasileira, nos seus aspectos lexicográfico, corográfico, histórico, artistico, científico, político, social e desportivo. Não faltou quem vislumbrasse a este empreendimento, talvez grande de mais para o nosso Chiado literário, uma vida efémera. Quem assim julgava, enganou-se. A obra vingou, impôs-se, ganhou fortes alicerces — e já vai em sete andares, que é, como quem diz, em sete volumes. Sem esquecer os numerosos colaboradores que a ilustram, escrevendo ou desenhando, não podemos, em todo o caso, deixar de destacar o seu invencível animador: João de Sousa Fonseca. Temos de recordar que só um espirito vibrante como o seu dentro dum corpo atlético como o seu também, poderia resistir a tal esforço — equivalente a um autentico combate de «box». «The right man in the right place», João de Sousa Fonseca é só por si, fisicamente, um excelente corpo redactorial, mas, além disso, a sua actividade na direcção técnica da obra, tem qualquer coisa de central eléctrica — embora o não pareça. Nós que, por vocação, somos magros, saudamos hoje este homem gordo. Agora digam lá, se são capazes, que ainda há lutas de classes!

## MULHERES

**D**OIS novos escritores annunciavam uma peça com este título: «O homem que não queria falar...». Ai está uma coisa que difficilmente aconteceria a uma mulher!

## O JUIZ E O RÉU

**N**UMA audiência. O réu: — Eu juro, senhor juiz, que estou tão inocente como V. Ex.ª... — Tão inocente como eu? Grande patife!

## INTERROGAÇÃO ANSIOSA

**Q**UANDO os artistas que compunham o Teatro do Povo chegaram, certa tarde, a uma longiqua aldeia da Beira, aproximou-se deles uma velhota que lhes perguntou, numa comovida ansiedade:

— Não vem com os senhores uma rapariga que trabalha no trapézio chamada Susana?

Uma pergunta que vale um romance.

## FATO NOVO

**G**USTAVO de Matos Senqueiro, o conhecido arqueólogo, appareceu, uma tarde destas, no Chiado, envergando um fato novo. Encontrou-o recentemente numa escavação — disse-nos ele. Acreditámo-lo, tanto mais que contra fatos — não há argumentos...

## MÉDICOS

**A**falta de gasolina afecta gravemente os médicos que não podem, assim, visitar os seus doentes com a mesma facilidade com o que faziam dantes. Ontem, dizia-me um dos nossos mais illustres clinicos, subindo a Avenida, visivelmente cansado:

— Ah! meu amigo! Os doentes matam-nos...

Sempre modesto, este grande médico!

## PRECAUÇÃO

**O**S desfalques succedem-se. Contaram-nos, há dias, que foi preso recentemente certo empregado duma companhia accusado dum desfalque avultado. No dia seguinte ao da prisão, a mulher teve o seu bom successo e, no momento em que este se verificava, o médico exclamou para animar a parturiente:

— Vem aí um rapaz que há-de ser o retrato do pai...

Logo a mãe da doente, ao ouvido desta:

— Não achas que é melhor esconder as colheres de prata?

## TRISTAN BERNARD

**L**EMOS agora esta pitoresca anedota contada por Tristan Bernard.

Um casal morador numa cidade do litoral inglês tinha três filhos. Para evitar os possiveis efeitos nefastos dos bombardeiros, os pais das três crianças escorrevam a um tio que vivia numa cidade interior da Escócia pedindo-lhe que aceitasse os sobrinhos. O pedido foi logo deferido, e as crianças partiram. Quinze dias depois os pais recebiam este telegrama inesperado enviado pelo tio da Escócia:

— Venham buscar petizes. Mandem os bombardeiros.



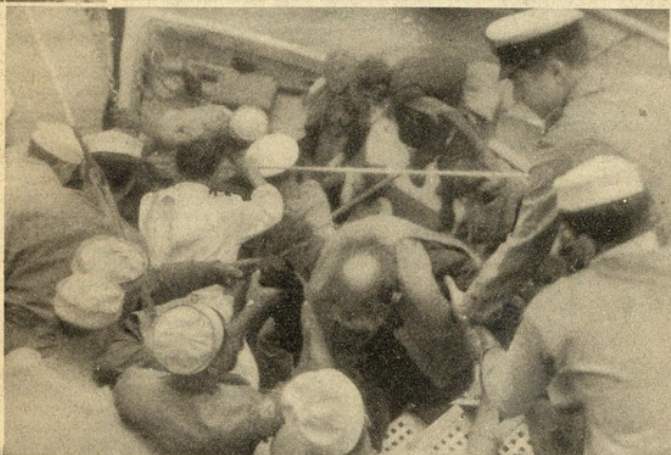
UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES





# COMO FORAM SALVOS OS NAUFRAGOS DO PAQUETE "AVILA STAR"

«VIDA MUNDIAL ILUSTRADA» publica hoje nesta página — e cremos ser o primeiro e único jornal português a fazê-lo — quatro impressionantes fotografias que nos dão uma visão da trágica odisséia dos naufragos do paquete «Avila Star», torpedeado há tempos no Atlântico. Como se sabe, a aviação naval e a Marinha de Guerra portuguesa, num esforço magnífico, conseguiram localizar uma das baleeiras e o contra-torpedeiro «Pedro Nunes» operou o salvamento em circunstâncias particularmente favoráveis, roubando à Morte duas dezenas de vidas. Foi de bordo desse barco que, no meio do nervosismo do momento, se fizeram as fotos que publicamos e nos mostram a chegada dos marinheiros portugueses ao contacto com a baleeira e a recolha dos naufragos. Documentos de alto valor como reportagem fotográfica do acontecimento, ficam a atestar uma acção esforçada e feliz de forças da nossa Armada.



ANDAVAM há longos dias sôbre o mar, empurrados pelas vagas. A fome, a sede, a tortura do calor e do vento, a amargura da incerteza do destino — tudo lhes aumentava a dor e lhes fazia nascer, a cada momento, o desejo da renúncia. Vencidos pela adversidade, alguns — os menos fortes — iam caindo. Um dia, um; uma noite, outro, diziam as últimas palavras, lançavam um último olhar ao céu e ao mar. Depois, o seu corpo descia até ao Oceano. Os outros ficavam a vê-lo desaparecer. E assim se passavam longos dias.

MAS UM DIA, os ouvidos acostumados ao bramar das vagas, sentiram que outro ruído se aproximava. Vinha do alto, do céu que, há tantos dias, se escurecia sob as suas cabeças sem esperança. Dessa vez, porém, era um avião que avistavam. E que, perante o seu espanto e a sua alegria que os fazia chorar, lhes mandava mantimentos e mensagens de conforto. E o anúncio de próximo socorro. Depois, tudo correu maravilhosamente. As forças voltaram, extinguiram-se os gritos de dor. E o barco apareceu. E os homens trouxeram-os aos ombros, levaram-os para bordo, agasalharam-os. Era tempo. Um dia depois, talvez já não houvesse forças, nem esperanças.



# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

\* por Carlos Ferrão \*

## Capítulo VII - Os Balcãs em fogo

3

### MANOBRAS DIPLOMÁTICAS



A sessão da Câmara dos Comuns de 9 de Fevereiro de 1941, o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha fez uma declaração sensacional a propósito da situação nos Balcãs. Referindo-se, de uma forma geral, aos países neutros daquela atormentada região da Europa, o sr. Churchill declarou:

«Uma das nossas dificuldades, de sempre, consiste em convencer alguns desses países neutrais de que ganharemos a guerra. Consideramos espantoso que eles não vejam, como nós, que a vitória coroará os nossos esforços.»

E logo em seguida, entrando na matéria que especialmente desejava versar, acrescentou:

«Recordo-me de que, durante a última conflagração, por alturas de Julho de 1915, começámos a pensar que a Bulgária enveredava por mau caminho. Um dia Lloyd George, Bonar Law, F. E. Smith e eu convidámos o ministro búlgaro para um jantar a fim de lhe fazermos ver que a política do rei Fernando era uma loucura e que ele acabaria por apostar no mau cavalo. O pobre homem não queria acreditar o que lhe dizíamos. O seu governo tam-

bém o não queria acreditar. Mas a Bulgária, contra a vontade da sua população de camponeses, contra os seus próprios interesses, caiu no laço que o Kaiser lhe armou e teve, na altura da vitória, a punição que merecia.»

Depois deste introito, suficientemente elucidativo, o Primeiro Ministro concluiu as suas considerações com um aviso:

«Receio que a Bulgária se prepare, de novo, para cometer um erro idêntico. Se assim for, a Bulgária, cuja população de camponeses nos merece, tanto a nós como aos Estados Unidos, a maior estima, ver-se-á, pela terceira vez em menos de trinta anos, envolvida numa guerra inútil e desastrosa.»

O aviso era claro e denunciava ao mundo que, para além da cortina de hostilidades que se desenrolavam nas montanhas albanesas, alguma coisa de grave e de preocupante se passava. Sofia tornara-se o centro das atenções gerais. Bucareste perdera uma parte, a parte principal, do interesse que suscitaram a agitação e os acontecimentos ali ocorridos. A nação romena, primeiro com o seu soberano depois com o seu novo rei, ia tomar, decididamente, partido ao lado das potências do «eixo», ligando a estes o seu destino.

Perante esta situação inesperada que iam fazer as outras nações balcánicas?

### A MISSÃO DE DONOVAN

Nos últimos dias de Janeiro, a capital búlgara tivera a visita de um hóspede de vulto. Recebido na principal estação de Sofia pelos representantes dos Estados Unidos, Earle, e da Grã-Bretanha, Rendel, esse hóspede percorria a Europa em viagem de inspecção. Queria sobretudo informar-se. Era o coronel Donovan, personalidade de confiança do presidente Roosevelt. Pertencia, com Harry Hopkins, ao grupo reduzido de individualidades que têm sempre na Casa Branca os seus aposentos reservados e o seu talher na mesa presidencial. Os assuntos europeus não lhe eram completamente desconhecidos. Mas precisava actualizar-se para poder falar com consciência.

A derrota militar da França, nas condições em que ocorrera e com a rapidez que a caracterizara, tinha produzido na opinião pública nárte-americana, de maneira particular nos meios ligados à Administração, uma impressão profunda. Os acontecimentos que se seguiram a essa derrota eram, tanto como ela, de molde a impressionar igualmente mesmo quem assistia, a uma distância razoável, aos seu desenvolvimento paradoxal e inquietante. Foi nestas condições que o presidente Roosevelt resolveu enviar à Europa uma pessoa de sua confiança pessoal a fim de que esta o elucidasse, com segurança e conhecimento de causa, sobre as repercussões profundas que nas capitais europeias interessadas produzia a derrota da França. Este inquérito, de carácter officioso, implicava naturalmente um outro. Em que medida se mostravam os pequenos países da Europa impressionados com a afirmação do poderio militar do Reich e em que medida estavam, em caso de necessidade, decididos a responder, mesmo de armas na mão, a qualquer ameaça contra a sua soberania e a sua independência?



O rei Pedro II, da Iugo-Eslávia

Para poder responder concretamente a estas duas perguntas, o coronel Donovan percorreu vários países da Europa. A zona crucial dos Balcãs estava logicamente incluída no seu itinerário. Depois de ter passado por Atenas, onde a febre militar e o desejo firme de resistência não davam tréguas para a acção da diplomacia dos agentes de propaganda, depois de se ter apercebido da verdadeira gravidade e extensão da transformação política operada em Bucareste, o enviado do presidente Roosevelt chegou a Sofia numa hora particularmente delicada e difícil.

### OS ACONTECIMENTOS PRECIPITAM-SE

Os acontecimentos iam, de facto, precipitar-se. A morte súbita do general Metaxas criara em Berlim a impressão de que seria possível liquidar, por uma solução pacífica, o conflito italo-grego. A formação rápida do ministério Koritzis e a declaração de que a Grécia estava decidida a continuar a luta, dissiparam rapidamente aquela ilusão. Uma proclamação do rei Jorge dirigida ao povo helénico foi considerada nos meios dirigentes dos países do «eixo» como uma afirmação clara de que a influência britânica se exercia em Atenas de maneira decisiva e predominante. Malgrado a tentativa de intervenção alemã, restava apenas ao bloco germano-italiano a solução duma



Coronel Donovan

acção rápida. Não era da Grécia que se tratava imediatamente. Para o Reich tratava-se de assegurar o conjunto de posições que permitissem à sua máquina militar uma intervenção fulminante, no género das que haviam sido realizadas na Noruega e na Holanda, a fim de ficar com os movimentos livres para ajuste de contas com o seu adversário mais poderoso: a U. R. S. S. — que já nessa altura não podia considerar-se nem um aliado fiel nem um amigo seguro.

No seu discurso dos Comuns, Churchill declarou que os tentáculos alemães tinham já penetrado no interior da Bulgária, com o assentimento do governo deste país, a que presidia o professor Filov. «Os campos de aviação búlgaros — acrescentou — estão a ser ocupados por pessoal alemão, em número de alguns milhares de homens. Esse facto permitirá que, no momento oportuno, a aviação alemã possa agir à vontade partindo da Bulgária. Outros preparativos estão a ser feitos neste país. Todos eles visam o mesmo fim: permitir uma futura liberdade de movimentos às tropas alemãs.»

Esta versão foi simultaneamente desmentida em Berlim e em Sofia. Que valor devia, porém, ser atribuído ao desmentido? Em Londres, por intermédio do ministro Rendel, em Washington, por intermédio do coronel Donovan, já a essa hora elucidado sobre a extensão dos preparativos militares que estavam a ser feitos na Bulgária, não havia ilusões sobre aquilo que se preparava. A máquina militar do Reich entraria em acção nos Balcãs, de maneira fulminante, uma vez que estivesse terminada a preparação diplomática que, iniciada na Roménia, se ia estender à Bulgária e à Iugo-Eslávia.

#### A U. R. S. S. E A TURQUIA ?

Perante esta intenção claramente desvendada, que iam fazer a U. R. S. S. e a Turquia? Da sua atitude dependeria em muito a marcha dos acontecimentos imediatos.

Os soviéticos não tardaram a revelar as suas intenções. Antecipando-se ao Reich na Roménia, tinham utilizado a perturbação causada pela derrota da França para, em Julho do ano anterior, ocuparem a Bessarábia e a Bucovina. A actividade diplomática dos seus agentes aumentava, ao mesmo tempo, nas outras capitais balcánicas em condições que alarmavam os círculos dirigentes de Berlim.

No dia seguinte àquele em que Churchill proferiu o seu discurso de advertência à Bulgária, chegava a Sofia o secretário geral do commissariado para os negócios estrangeiros, Sobolev, personalidade categorizada da diplomacia soviética. O ministro russo em Sofia, Laurentiev, fora chamado a Moscovo para consulta e foi, certamente, perante as informações que prestou que Molotov se decidiu a enviar à Bulgária um representante extraordinário, que pela sua categoria e pela sua posição desse a entender aos dirigentes búlgaros o interesse com que a sua atitude estava a ser considerada pelos soviéticos. Ninguém ignorava a simpatia profunda que, independentemente do condicionadíssimo episódio criado pelo novo regime russo, ligava o povo búlgaro àquelles que tinham contribuído decisivamente para lhe dar a independência. Sobolev conferenciou demoradamente com o chefe do governo búlgaro,



General Simovich

enquanto o ministro Laurentiev se avistava com o representante do Reich em Sofia, Killinger. Os jornais de todo o mundo acentuaram que se tratava de uma última diligência para levar o governo búlgaro a assinar uma aliança militar com a U. R. S. S. Como este país ainda se encontrava ligado ao Reich pelas cláusulas do pacto de 23 de Agosto, a entrevista de Laurentiev com Killinger tinha por objectivo transparente procurar tranquilizar os alemães quanto às verdadeiras intenções da diplomacia soviética.

Esta marcara claramente a sua posição, enquanto as concentrações de tropas alemãs na Roménia tomavam um vulto excepcional, o que levou o representante da Grã-Bretanha a abandonar esta capital. Era ponto assente que essas concentrações visavam a liquidação do problema balcánico, incluindo portanto a solução do caso grego.

#### O ACÓRDO DE ANKARA

No dia 17 de Fevereiro, o telégrafo transmitiu uma notícia sensacional. Em Ankara, os representantes da Turquia e da Bulgária, países durante longos anos inimizados, assinaram um pacto de amizade e de boa vizinhança. Dizia-se que para a conclusão desse instrumento diplomático contribuíra decisivamente a Wilhelmstrasse e que um dos seus obreiros incansáveis tinha sido o embaixador do Reich na capital turca, Von Papen.

Que significado devia atribuir-se, no fundo, ao novo acórdio de Ankara? Como era possível conciliar as suas cláusulas com os compromissos anteriormente assumidos pelos seus signatários e, de maneira especial, pela Turquia aliada da Grã-Bretanha? As primeiras reacções registadas em Londres eram francamente favoráveis. Uma informação autorizada, transmitida no dia seguinte ao da assinatura do acórdio, dizia textualmente: «Esperando informações mais completas sobre este documento, é possível afirmar que ele implica, por parte da Bulgária, a intenção de não empreender qualquer acção militar e de não alterar a sua posição em face da Grécia. Quanto à Turquia ser-lhe-ia sempre possível renunciar ao acórdio se a Bulgária consentisse que as tropas alemãs invadissem o seu território.» A realidade dos factos era, precisamente, o contrário desta suposição infundamentada.

É certo que a Turquia afirmava, de maneira categórica, que cumpriria à risca os compromissos que derivavam dos tratados que assinara com a Grã-Bretanha e com a Grécia. É certo que a imprensa búlgara, com uma aparente falta de tacto, logo no dia seguinte ao da assinatura do acórdio, apresentava as reivindicações territoriais do seu país, lançando assim mais um elemento de perturbação num meio já bastante perturbado.

Essas aparências não ocultavam completamente as realidades. A Turquia refugiava-se numa posição de alheamento total em relação aos outros povos balcánicos, a qual mais tarde havia de traduzir-se pela sua declaração de estrita neutralidade. A diplomacia alemã sabia que conseguia assim o seu mais valioso êxito. Separados os países balcánicos, róta a malha romena e afastado o obstáculo turco, restava dominar os outros elementos da antiga coligação impondo, separadamente, a cada um deles a vontade política das potências associadas no «eixo».

#### OS ADERENTES AO PACTO TRIPARTIDO

A Grécia, com a Grã-Bretanha sua aliada, sabia que só lhe restavam duas soluções: fazer a paz com a Itália ou sujeitar-se a criar uma nova frente e a bater-se contra o Reich. A diplomacia alemã não deixaria, entretanto, de completar a tarefa que empreendera.

Em 20 de Fevereiro, três dias depois da data que marcara a assinatura do acórdio turco-búlgaro, o ministro dos estrangeiros da Grã-Bretanha, Eden, acompanhado pelo chefe do Estado Maior do exército imperial, Sir John Dill, chegava ao Cairo. Os ingleses faziam um esforço supremo para contrariar a actividade dos seus adversários nos Balcãs. Em 26, estavam ambos em Ankara, onde se lhes juntou o embaixador inglês em Moscovo, Stafford Cripps. Os dirigentes turcos deram aos seus aliados as explicações que julgaram convenientes e que não tiveram, segundo todas as probabilidades, um grande poder persuasivo.

Uma carta da Wilhelmstrasse incidia com



O Rei Carol da Roménia

a chegada dos enviados ingleses à capital turca para se referir particularmente à Bulgária nos seguintes termos: «A Bulgária é um Estado que mantém com a Alemanha estreitas e amigáveis relações. A Alemanha nada fará para alterar esta amizade.» No dia imediato, o chefe do governo búlgaro assinava em Viena o pacto tripartido. Terminada a cerimónia oficial, que se realizou no Belvedere, as tropas de infantaria alemã atravessaram o Danúbio em vários pontos, penetrando em território búlgaro, enquanto as primeiras unidades motorizadas do Reich chegavam às ruas de Sofia. Os pontos estratégicos foram rapidamente ocupados por forças do Reich. Dois dias depois, um comunicado das autoridades militares alemãs anunciava os propósitos dessas forças: «As tropas alemãs que entram na Bulgária, dizem o referido comunicado, têm por missão opor-se às intenções britânicas de estender a guerra aos Balcãs, assegurando, assim, a protecção dos interesses búlgaros.»

A missão Eden-Dill não conseguira qualquer resultado apreciável. A ocupação militar da Bulgária, pois era disso que efectivamente se tratava, não provocara qualquer reacção apreciável em Ankara ou em Belgrado. O chanceler Hitler enviou uma mensagem autógrafa ao presidente Suwon. Restava liquidar o caso da Iugo-Eslávia.

#### A ADESAO DA IUGO-ESLÁVIA

A Iugo-Eslávia proclamara a sua neutralidade logo no início das hostilidades. Embora uma parte importante da população, recordando o auxílio dos aliados na conflagração de 1914-18 para a criação e para a unificação do reino dos sérvios, croatas e eslovenos, manifestasse uma simpatia acentuada pela causa da Grã-Bretanha, e outra parte, também valiosa, invocando os laços tradicionais do estatismo, significasse o seu apoio à U. R. S. S., o governo não podia ignorar as condições delicadas criadas pelas rápidas vitórias militares do Reich no continente europeu. O chefe político mais conhecido pelas suas tendências germanófilas, o antigo presidente do ministério, Stoyadinovich, fora primeiro enviado para uma localidade da província e finalmente preso e entregue às autoridades inglesas por se considerarem perigosos os seus maneios. O governo moderado, em que estavam representados os grupos activos mais importantes e de que fazia parte o conhecido chefe dos camponeses croatas dr. Matchek, era presidido por uma personalidade de pouco relevo na política local, o

(Continua na pág. 10)

# O DESPERTAR de uma CIDADE

## Aspectos de Lisboa antes do Sol nascer

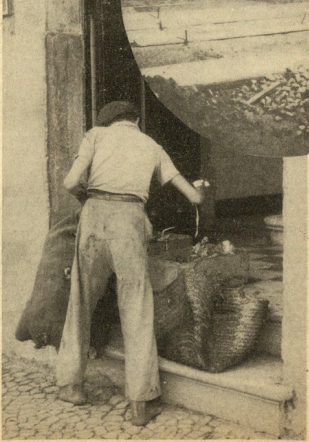


Sete horas da manhã. A cidade — dorme ainda. Mas o Sol vai nascer dentro de pouco tempo. A primeira atividade aparece na praça, dançando e desfilando no céu de chumbo os contornos do Arco da Rua Augusta.



Madrugada ainda há poucas ruas que trabalham. Algumas agricultores e outros que se mantêm a espera em praças. Mas o Sol ainda não nasceu — há que esperar o dia artista!

No caso de Ribeiro, há o trabalho completo. É de 5 a meio, mas o carro ambulante que faz pequenos serviços — até a pão — a preços consideráveis.



É a hora da faina dos misericórdias. Aqui, que aparece a carruagem do lixo, este rapaz aproxima todos os papéis que encontra.



A carruagem não tarda. À primeira hora, o Babiló não tem mais o que fazer. O marido de a volta — depois os casacos que hão de ficar na soleira das portas.



Sentado na beira do passeio, inconscientemente a via-lúcia que representa a obrigação do seu trabalho. A tais horas, este pobre gente aguarda que o carro abra para carregar os seus frutos de hortaliça!



Na Avenida da Liberdade, embora o dia não tenha começado, a colação do dia já está servida. Há um movimento de gente que se espalha. Há um movimento de gente que se espalha. Há um movimento de gente que se espalha.



A cidade começa a animar-se. Vendedores passam pelas ruas a amontoar os mercados.



Cadeiras voltadas, falhas, espálio no chão. É ainda cedo, a noite, havia tanta animação na cidade.



É a hora para operários sacarem-se do sono, que há gente pendurada em estes mercados.

Reportagem fotográfica de Armando Serôdio para "Vida Mundial Ilustrada"



À ENTRADA, UMA PLACA SIMPLES lembra ao público que ali se encontra — em Vila Nova de Gaia — a Casa-Museu de Teixeira Lopes, casa de maravilhas dum maravilhoso artista que a Morte nos roubou há pouco tempo. À esquerda, um recanto da casa, obras-primas do Mestre em todos os lugares.



À ENTRADA É UMA MAGNIFICA interpretação do espírito do artista: beleza, quietude, suavidade e amor.



AS MARAVILHAS que a sua mão modelou estão ali tôdas patentes numa visão retrospectiva de extraordinário encanto. Eça de Queiroz surge-nos com a Verdade nos braços.

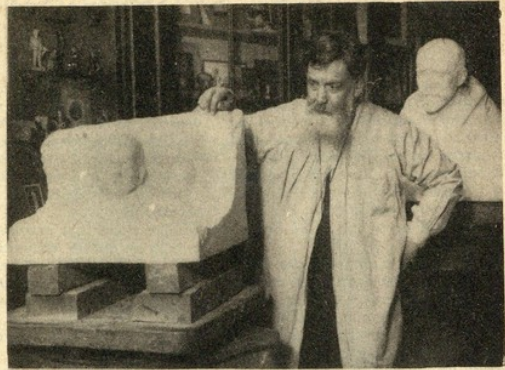


PERCORREM-SE AS SALAS e tudo é beleza — em expressões, em atitudes, em sorrisos e em lágrimas — pedra que vive e ri e chora.





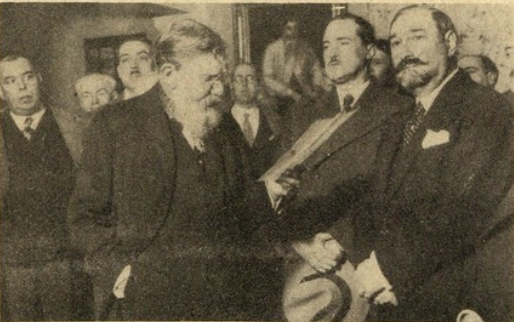
RECORDAÇÕES DA VIDA DO ARTISTA—O poeta francês Emilio Vitta quando visitou, com Júlio Brandão, o grande estatúario.



A ÚLTIMA FOTOGRAFIA de Mestre Teixeira Lopes no ambiente recolhido do seu «atelier». («Cliché» inédito).



Em 1933, Mestre Teixeira Lopes assina, na Câmara de Gaia, a escritura da entrega dos seus bens ao Município.



TEIXEIRA LOPES que, há-anos, havia recebido do Governo francês o honroso galardão de Oficial da Legião de Honra, foi, em 1936, elevado a Comendador. Foi o sr. Aimé Leroy, então ministro da França em Portugal, quem lhe comunicou a distinção.



EM CIMA E EM BAIXO, à esquerda: Algumas das mais belas obras de escultura de Mestre Teixeira Lopes — um artista que nunca mais esquecerá, através das criações que nos legou e que a sua Casa-Museu conserva.

(Reportagem fotográfica de António Silva)



# SE OS ALEMÃES CONQUISTASSEM O CÁUCASO

(Continuação da segunda página)

se prolonga, numa profundidade mal conhecida, em direcção a Astrakan; atravessará, depois de ocupadas as regiões setentrionais da península do Cáucaso (incluindo a região petrolífera de Maikop), a cordilheira gigantesca que se estende até ao «pipe line» Baku-Batum.

Para resumir o conjunto dos obstáculos a vencer pela Wehrmacht, pôde dizer-se que eles são: dificuldades estratégicas naturais, resistência dos exércitos anglo-russos, as distâncias e a falta de estradas praticáveis para operações de grande envergadura. As circunstâncias excepcionais em que se realizou, com uma rapidez impressionante, a ocupação da Iugo-Eslávia não invalidam as lições recebidas durante a campanha da Grécia, que demonstrou a quasi impossibilidade de, na guerra de montanha, utilizar com eficácia as divisões blindadas e a criação de bombardeamento, que dizer os trunfos sobre os quais se têm aliçado as vitórias alemãs. Vejamos rapidamente a natureza de cada um desses obstáculos.

**Dificuldades estratégicas.** — Enquanto realizassem a invasão do Cáucaso, as tropas invasoras ficariam com os seus flancos expostos a desembarques auxiliados pela esquadra soviética.

**Resistência militar.** — As forças russas que estacionam no Cáucaso sob o comando do general Livov, mesmo no caso de serem separadas do resto do exército soviético, constituiriam um elemento poderoso de resistência, devendo ser auxiliadas nessa resistência pelos ingleses que formam o núcleo do 10.º exército britânico estacionado no Irão.

**Distâncias.** — As dificuldades com que os alemães actualmente se debatem, sendo obrigados a bater-se a distâncias enormes das suas bases de reabastecimento, pareceriam extraordinariamente aumentadas.

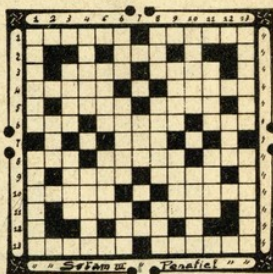
Falta de estradas. — Há apenas

duas estradas militares que atravessam, no meio de elevação cuja média anda à volta de três mil metros, a cordilheira caucásica. A sua vigilância e defesa está naturalmente organizada pelo comando soviético.

E para terminar repetimos que a grandeza destas dificuldades poderá ser fundamentalmente resumida por uma transformação na política interna da Rússia ou por uma modificação na política externa da Turquia, favorável às potências do «eixo». Nenhuma dessas hipóteses é improvável. Mas nada nos autoriza a supor que qualquer delas deva electivar-se rapidamente.

## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 34



**HORIZONTAIS:** 1 — Cântico; Transparente. 2 — Caminho. 3 — Brenha; Chapéu alto. 4 — Mãe de água; Púrpura. 5 — Amplo; Ser igual. 6 — Jeito; Azeitona; Principio. 7 — Espécie de sopo das regiões do Amazonas. 8 — Grande; Bandurra; Inconveniente. 9 — Cantiga; Cordeiro. 10 — Jazer. Zombeteiro. 11 — Então; Bebadeira. 12 — Cesto de palha, em que os indígenas do Brasil guardam cachimbos.

# Fala-se esta semana de

AUGUSTO DA COSTA



Romancista laureado, autor de volumes que marcam etapas nítidas no panorama literário, contemporâneo do nosso país, que acaba de publicar um novo livro, cheio de interesse — «Miquelina, mulher moderna» — onde, mais uma vez, põe bem em foco as suas exuberantes qualidades de escritor consagrado por uma vasta e notável obra literária. Neste, Augusto da Costa consegue dar-nos, em prosa fluente e estilo curiosíssimo, a imagem de certo tipo de mulher do nosso tempo, sujeita a sofrer as influências da flutuação da moda e dos costumes frívolos.

## GENTIL MARQUES



Escritor de méritos consagrados que apresenta já uma notável coleção de obras publicadas, das quais a última — «História maravilhosa de Beethoven» — é o primeiro livro duma série curiosíssima de biografias romaneadas de notáveis figuras de todos os tempos. Neste, como nas obras anteriores, Gentil Marques afirma-nos as suas belas qualidades de escritor que o público se acostumou já a apreciar. E, infatigável cultor das letras, promete-nos para breve um romance original, cujo título é «Nós somos assim...».

tabaco, anzóis, etc. 13 — Gordurosa; Motejo.

**VERTICAIS:** 1 — Manto; Que é puxado por dois cavalos. 2 — Isto. 3 — Insensibilidade; Catre. 4 — Belga; Cinturão. 5 — Defeito, mais ou menos oculto; Seta. 6 — Costa; Arvore leguminosa; Transpira. 7 — Eiró. 8 — Ensejo; Saliência cônica, na parte posterior do véu palatino. Muito. 9 — Pedra; Dificultoso. 10 — Esticada; Morada. 11 — Escuro; Cantiga. 12 — Meio. 13 — Preguiçoso; Agua-pé.

**SOLUÇÕES DO PROBLEMA N.º 33**

**HORIZONTAIS:** 1 — Cevar;

Fanal. 2 — Rios; Lar; Laro. 3 — Ave; Rasar; Ora. 4 — Vá; Mi; Os. 5 — Lama; Atar. 6 — Mi; Alaga; As. 7 — Aa; Vai; Sa. 8 — Um; Malta; Pl. 9 — Elar; Asma. 10 — Os; Ir; Ia; Fã. 11 — Gau; Ouvir. Can. 12 — Rias; Mia; Ardi. 13 — Oásis; Alear.

**VERTICAIS:** 1 — Cravo; Lógro. 2 — Eiva; Mau; Saia. 3 — Voe; Liame; Uas. 4 — As; Mâ; Li; Si; 5 — Rima; Marco. 6 — Lá; Alvar; Um. 7 — As; Aal; Vi. 8 — Rã; Agita; Ia. 9 — Rota; Asir. 10 — Al; Sa; Mâ; Al. 11 — Não; Raspa; Crê. 12 — Arre; Sai; Fada. 13 — Loasa; Ganir.

# HISTÓRIA DA GUERRA

Continuação da pág. 11

sr. Tsvetkovich, estando a pasta dos estrangeiros confiada ao sr. Cincar Markovich. A sua tendência predominante consistia em não romper, de maneira ostensiva, com o Reich e com a Itália, depois de terem sido estabelecidas em novas bases as relações, durante tanto tempo tensas, com este último país.

No dia 13 de Fevereiro, o chefe do governo iugo-eslavo e o seu ministro dos estrangeiros foram convidados a visitar o Führer em Berchtesgaden, o que efectivamente fizeram. O Reich desejava que a Iugo-Eslávia definisse a sua attitude, de maneira clara e inequívoca. De regresso a Belgrado, os ministros realizaram várias conferências com o príncipe regente Paulo e numa reunião do conselho de gabinete foi resolvido aderir ao pacto tripartido, não sem que alguns dos ministros houvessem manifestado a sua discordância, provocando uma crise que foi rapidamente resolvida.

Onze dias depois, os srs. Tsvetkovich e Markovich partiram para Viena onde, a 26 de Março, puseram a sua assinatura no pacto tripartido. A adesão da Iugo-Eslávia era, porém, condicionada. O território iugo-eslavo não seria atravessado, sob nenhum pretexto, por tropas alemãs, embora nos seus caminhos de ferro pudesse transitar material de guerra de origem alemã para os fins julgados convenientes pelas autoridades militares do Reich. A

preparação diplomática parecia terminada.

### O GOLPE DE ESTADO DE BELGRADO

Ocupadas a Roménia e a Bulgária, aliada a Hungria, afastada a Turquia, uma vez conseguida a adesão pacífica da Iugo-Eslávia ao pacto tripartido, tudo parecia indicar que se não tornaria necessária qualquer acção militar do Reich nos Balcãs. A Grécia, isolada e reduzida às suas próprias forças, faria a paz nas condições ditadas pelos países do «eixo», cuja diplomacia realizara uma obra perfeita.

Um acontecimento inesperado veio perturbar esta concepção da política futura naquela parte da Europa. Mal chegados a Belgrado, os ministros que haviam ido a Viena tiveram de defrontar um golpe de Estado chefiado pelo general Simovich, antigo chefe do Estado Maior e antigo director da aviação iugo-eslava. Não houve qualquer propósito de resistência. O príncipe regente foi conduzido à fronteira e proclamado rei o filho de Alexandre, o soberano unificador. O novo rei, que tomou o nome de Pedro II, devia atingir dentro de seis meses a maioridade. As circunstâncias em que se deu o golpe de Estado do general Simovich produziram em todo o mundo a maior impressão. Falando em Londres, poucas horas depois

de ele se ter verificado, o Primeiro Ministro declarou que a Iugo-Eslávia voltara a encontrar a sua alma. O primeiro acto do general Simovich foi ratificar a attitude assumida pelo seu antecessor em relação ao Reich. O novo governo desejava manter com o governo alemão as relações normais, e até mesmo cordiais, que ultimamente se haviam estabelecido entre os dois países. Tratava-se de simples formulários diplomáticos sem qualquer conteúdo seguro. Em Berlim consideravam o golpe de Estado como um acto ostensivo contra o Reich e o general Simovich era considerado como elemento suspeito, cujas relações com a Grã-Bretanha eram de molde a prejudicar toda a acção futura. Na medida dos seus recursos a Iugo-Eslávia preparou-se para a guerra, que se tornava inevitável. Essa guerra não tardaria a liquidar a sua resistência e com ela, pouco depois, a resistência da Grécia. O general Simovich tomou conta do poder em 27 de Março. Na madrugada de 6 de Abril, sem declaração de guerra, iniciou-se a acção militar conjunta das potências do «eixo» contra a Iugo-Eslávia e a Grécia, a qual havia de conduzir rapidamente a uma conclusão vitoriosa.

(Continua)

(Rigorosamente proibida a reprodução, mesmo parcial.)



O CONTRA-ALMIRANTE Umberto Monico, adido naval italiano à Legação de Lisboa, com as pessoas que d'ele se foram despedir à estação do Rossio, quando de seu embarque para Madrid.



A GRANDE ACTRIZ FRANCESA Marthe Régnier que efectuou, recentemente, no Teatro Nacional, uma curiosissima palestra, com o sr. dr. Augusto de Castro e os artistas Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro.



ASPECTO DO BANQUETE DE HOMENAGEM a Carlos de Abreu, o mais antigo crítico taumomáquico em actividade.

LEIA TODOS OS SÁBADOS

# VIDA MUNDIAL

Um jornal que vale por muitos jornais

Documentário da Imprensa de todo o Mundo.

Vida MUNDIAL  
Illustrada

*Faça sempre*

*as suas "fotos"*

*com películas*

**Kodak**

# Escutai ROMA!

RADIO CENTRO E IAR IMPERIAL

NOVO HORÁRIO  
NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA  
TODOS OS DIAS

Horas	Estações		
9.50 Noticiário	2 RO 4	m. 25.40	Kc/s
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.000
13.20 Comunicado Q. G. I.	2 RO 8	m. 16.84	Kc/s 17.820
	2 RO 17	m. 15.31	Kc/s 19.590
15.10 Noticiário	2 RO 7	m. 16.88	Kc/s 17.770
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
23.40 Noticiário	2 RO 11	m. 41.55	Kc/s 7.220
	2 RO 22	m. 25.10	Kc/s 11.950
23.40 Noticiário		Ondas médias	
		m. 221.1	
		m. 263.2	
1.00 Noticiário	2 RO 6	m. 19.61	Kc/s 15.300
	2 RO 18	m. 30.76	Kc/s 9.760
	2 RO 19	m. 29.04	Kc/s 10.330

CONVERSAÇÃO EM LINGUA PORTUGUESA

22.20 (Domingo)	m. 25.70	Kc/s 11.695
22.20 (Quarta feira)	m. 30.52	Kc/s 9.830



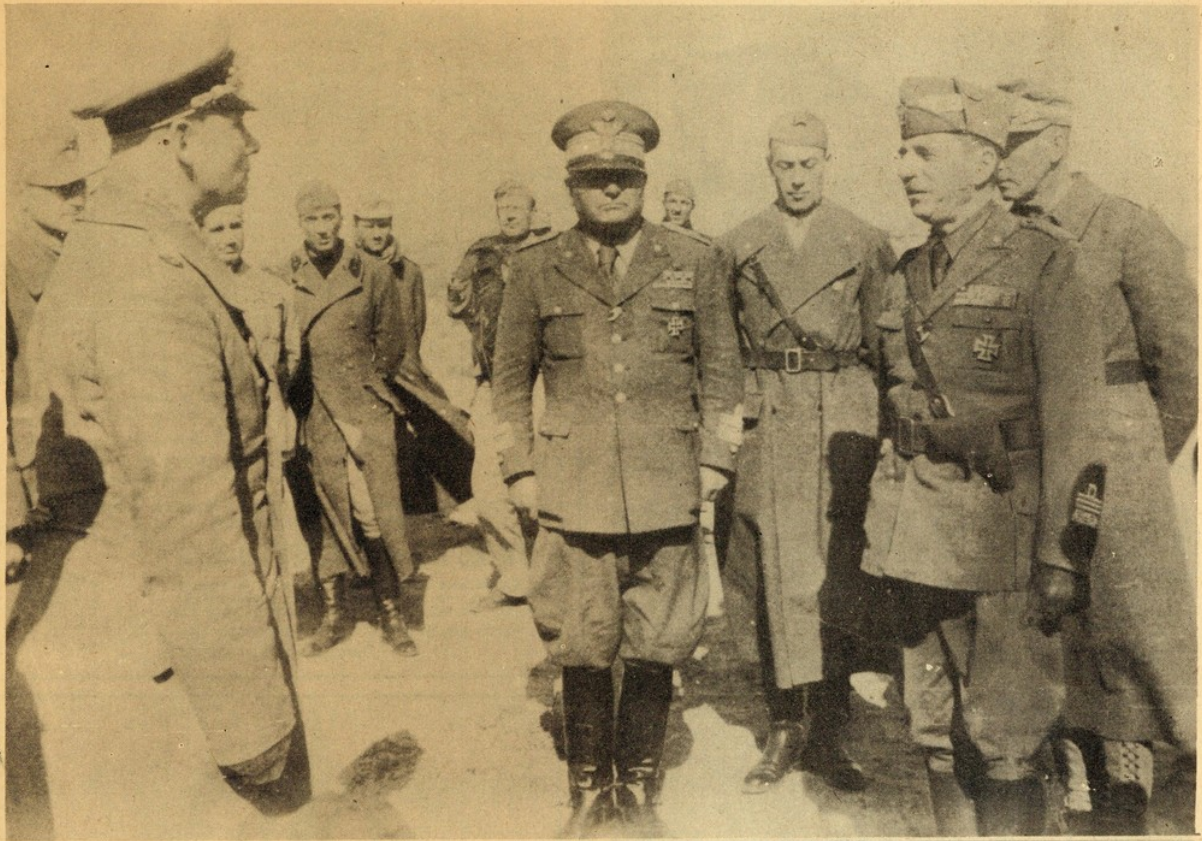


# OS 70 ANOS DO Rei da NORUEGA

DENTRO DE DIAS — a 3 de Agosto próximo — completa 70 anos de idade o Rei Haakon da Noruega, que se encontra em Inglaterra desde a invasão do seu país pelas tropas alemãs. Recordar a figura dêsse soberano é recordar a parte da Noruega na luta em que a Grã-Bretanha e os seus aliados se encontram hoje empenhados. Essa parte, tanto pela silenciosa resistência do seu povo na pátria, como pelo poderoso esforço das suas marinhas de guerra e mercante na batalha do mar alto — está bem simbolizada na personalidade do seu rei-marineiro. E é curioso lembrar que faz também agora 37 anos — foi a 7 de Junho de 1905 — que a Assembleia Nacional norueguesa (o «Storting») tomou a histórica decisão que trouxe o Rei Haakon à Noruega. Nesse dia o «Storting» unânimemente resolveu dissolver a união com a Suécia e assim constituiu a Noruega em reino inteiramente independente e soberano. Em Novembro do mesmo ano, depois dum plebiscito de todo o povo norueguês, que deu uma esmagadora maioria a favor duma monarquia constitucional, o príncipe Carlos da Dinamarca veio para a Noruega e foi coroado na histórica catedral de Trondheim com o nome de Haakon VII.



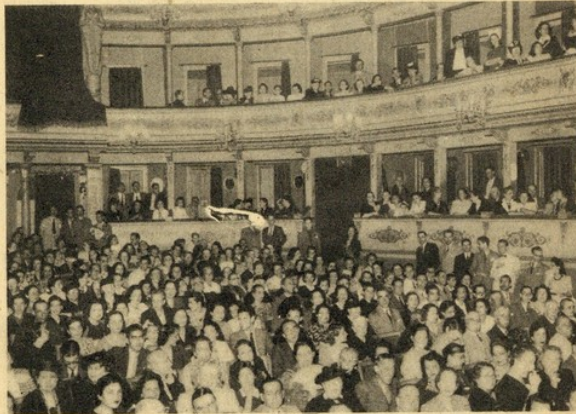
O REI HAAKON DA NORUEGA recebendo as credenciais do novo embaixador da Grã-Bretanha junto do govêrno norueguês instalada em Londres. Na foto, vêem-se também o Príncipe Olavo, fardado de general do exército da Noruega, e o ministro dos Negócios Estrangeiros norueguês, Trygve Lie.



GENERAIS ITALIANOS GALARDOADOS PELO REICH — Em cima: O Marechal Rommel entregando, em pleno campo de batalha, no deserto egípcio, condecorações alemãs ao general italiano Bástico, governador da Líbia (à direita), e ao chefe do seu Estado Major, general Gambara (ao centro). Em baixo: Outro cabo de guerra italiano, o general Messe, comandante do Corpo Expedicionário na Rússia, condecorado com a Cruz de Ferro.



NO THEATRO NACIONAL D. MARIA II efectuaram-se há dias os exames finais da secção de Teatro do Conservatório Nacional. A foto mostra-nos os alunos que concluíram o curso, após a representação das peças que lhes foram distribuídas, com os respectivos professores dr. Jorge de Faria, D. Maria Matos, Carlos Santos e Assis Pacheco.



ASPECTO DA SELECTA ASSISTÊNCIA ao espectáculo no Teatro Nacional.



O PROFESSOR VARELA CID com as suas discípulas que tomaram parte no concerto recentemente efectuado no Sindicato Nacional dos Músicos.



NO ANFITEATRO DA MATERNIDADE «Dr. Alfredo Costa», o pessoal prestou homenagem ao sr. dr. Costa Sacadura, atingido pelo limite de idade.

## UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

### «HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardenças na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drogasrias

Preço avulso: 11\$00



## Comissões dos ESTADOS UNIDOS EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas*	Dias	Ondas curtas
9.15	Segunda-feira	25.23 m. (11,89 mc/s)
	Terça-feira, Sábado	31.02 m. ( 9,67 mc/s)
10.30	Segunda-feira	25.23 m. (11,89 mc/s)
	Terça-feira, Sábado	31.02 m. ( 9,67 mc/s)
20.15	Segunda-feira, Sexta-feira	25.40 m. (11,79 mc/s)
		30.90 m. ( 9,70 mc/s)
		49.60 m. ( 6,04 mc/s)
21.30	Sábado, Domingo	19.56 m. (15,33 mc/s)
		31.02 m. ( 9,67 mc/s)
21.45	Sábado, Domingo	31.02 m. ( 9,67 mc/s)
	Segunda-feira, Sábado	19.56 m. (15,33 mc/s)
23.30	Sábado, Domingo	19.56 m. (15,33 mc/s)

\* As horas indicadas são as do meridiano de Greenwich (G. M. T.) isto é, duas horas mais cedo do que a hora de Lisboa.

# OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

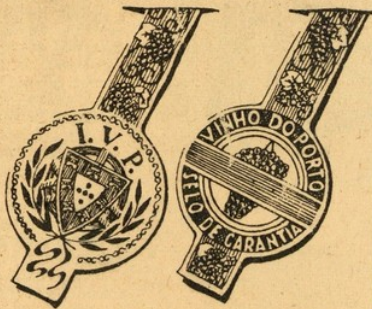
JOSE CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2 6942. — VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Vida MUNDIAL Ilustrada



# 1942

O  
VINHO do PORTO  
dos velhos tempos—corre  
o País autenticado pelo  
SÊLO de GARANTIA



DIA E NOITE...

Os inigualáveis cremes de beleza

**Rainha da Hungria**

velarão pela Mocidade da sua pele!

Elogios... para quê?

Basta dizer que são produtos

**M. ME CAMPOS**



★

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA  
LISBOA—RIO DE JANEIRO

# MENTIRAS

*conveções*

POR ZECO

3



— Como está, minha senhora! Cada vez mais bonita, mais elegante, mais sedutora...

...Grande estafermo!

# B.B.C.

A VOZ DE LONDRES

*fala*

E O MUNDO ACREDITA

Noticiário em LÍNGUA PORTUGUESA

Horas		Estações	Ondas curtas
12,45	Noticiário	GRU 31,75 m. ( 9,45 mc/s)	
		GRV 24,92 m. (12,04 mc/s)	
14,15	Noticiário	GRZ 13,86 m. (21,64 mc/s)	
		GRU 31,75 m. ( 9,45 mc/s)	
14,30	Actualidades	GRV 24,92 m. (12,04 mc/s)	
23,00 (*)	Noticiário	GSB 31,55 m. ( 9,51 mc/s)	
		GRX 30,96 m. ( 9,69 mc/s)	
		GRT 41,96 m. ( 7,15 mc/s)	
23,15 (*)	Actualidades	GSB 31,55 m. ( 9,51 mc/s)	
		GRT 41,96 m. ( 7,15 mc/s)	

(\*) Estas emissões ouvem-se também em ondas curtas de 261,1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s)

Vida  
**MUNDIAL**  
e ilustrada

# O BRILHANTE DO JOÃOZINHO

## Uma novela de Castelo de Moraes

**O** João da Costa — o Joãozinho, como todos lhe chamavam na repartição — era um bellissimo rapaz.

La de eléctrico para o emprêgo, voltava de eléctrico para casa, sempre só; não chegava a fumar um maço de «Três vintes» por dia; de longe em longe ia ao cinema com bilhetes dum jornal; não arranchava com os colegas nas patuscadas do domingo e, no que respeita a namoros, tinha o coração tão virgem como uma gasosa por abrir.

Mas êle era assim por timidez. Lá por dentro, nos esconços íntimos da sua alma invejava as pândegas, êsses que na volta do Central encontrava sempre pelas alturas da «Chic» e da «Taverna» atrelados a coristas, esnalgadas e loiras, num â-vontade boémico que até parecia mal.

Sentado no carro de Almirante Reis, deixava-se a fantasiar e era êle, então, o companheiro da corista, e não iam para a rua António Pedro; iam muito juntinhos para o Arcádia, para o «Rex», para o Estoril, poisos estroinas que êle não conhecia por dentro mas que povoava e mobilava a talante do seu sonho pelos moldes das «boites» de Paris descritas nos romances realistas que o Vieira lhe emprestava.

No inverno, quando apetece o concheio dum restaurante e a vizinhança dum vestido de veludo, dum casaco de peles e duma bôca pintada, o sonho dêle era mais vivo. Pelas alturas do Intendente já o nosso Joãozinho dialogava ternuras com a mulher invisível que, na fantasia, era a sua companheira de momento.

Depois, em casa, ao enfiar o pijama discreto, cheio de curiosidade pela vida real, perguntava-se: «Como será?» A sua ignorância não sabia responder-lhe.

O Joãozinho era acanhado. Filho único dum casal de burgueses pequeninos que não tinham visitas, a vida correrá-lhe sempre tranqüilla mas limitada ao convívio dos pais e duma tia velha. Nem companheiros na infância, nem relações na adolescência. Os seus amigos, as suas namoradas, as suas amantes tinham sido as personagens dos romances que devorava. Vinha-lhe daí uma predilecção pelas loiras e uma grande simpatia invejosa e admirativa pelos, estroinas ricos, filhos-famílias de banqueiros ou industriais, desportivos, osuados, um tanto ou quanto grosseiros para marcarem superioridade.

Nos domingos de chuva ou nos feriados, Joãozinho podia dar largas a imaginação e chegava a viver ficticiamente uma novela inteira. Uma vez era êle o filho da duquesa dum romance da Magali, fidalgo arrependido que dava o coração e o nome à tia da mamã — uma ória educada no Sa-

cré-Coeur; outras, era o cínico amável dum conto de Maupassant que pagava beijos sinceros com uma frase contundente e semeava lágrimas e bastardos pelas mansardas de Paris.

Um dia, êste mundo de ilusão enfastiou-o. Porque não viveria êle vida igual à dos outros? Que diabo! Em casa, os pais só lhe recebiam 150 escudos dos oitocentos que ganhava no Ministério, e recebiam essa miséria por delicadeza, para êle ter a ilusão de que não era pesado aos velhotes. Sim, porque não viveria êle como os outros?

Estes «outros» não eram, porém, em seu pensamento, os colegas do Ministério. Eram uns rapazes bem

traz-se lá ao fundo do compa-mento, de costas para a maquina, e que, mercê do volume, quâsi sempre consegue ir sôzinha no banco arrimada à janela.

Primeiro, um velhote calvo que, mal se instalou, desdobrou o «Morning Post»; depois outras senhoras de idade que se espalharam pelos bancos. Traziam pastas e usavam óculos.

Umas raparigas vieram depois. Chilreavam modas. Eram três. Uma trazia um vestido novo de malha cinzenta, côr de prata. Das outras duas, que pareciam irmãs, a mais baixita, magrizona e quâsi ruiva, perguntava à outra com um sorriso trocista:

— Gostas dêste vestidinho?

nhado muito à moda, e o mais alto chamou logo a atenção da mana ruiva e da do vestido de malha. Tinha uns sapattorios enormes e as piúgas engheladas nos artoelhos a deixarem ver as canelas peludas. Manápolas grandes, e no dedo mínimo da esquerda um brilhante de respeito.

O João percebeu logo que era êsse farol que atraía os olhares das raparigas. O farol e as chancas.

Os três falaram alto, do «tennis», da bola e também da outra bola, da estera pequenina que salta no Casino, nos cacilhos da perdigão. Depois, no mesmo tom de voz, contaram escândalos da praia.

Hiper-namoros, cenas à Catulle Mendes para ler no banho.

A julgar pela conversa dêles nenhuma se salvava naquele rindo elegante. O Joãozinho, com a sua virtude ancestral tirava uma conclusão:

— Estes rapazes são com certeza filhos únicos como eu. Não têm irmãs... Se tivessem...

Pela segunda vez reparou que as duas raparigas não desfiavam o brilhante do mais alto.

Então um dos rapazes fingiu que pela primeira vez dava por elas e disse para a que ia vestida de malha côr de prata:

— Fala à gente, Choncha! Lá por irés vestida de carapau de gato, não é razão.

A ruiva e a mana acharam imensa graça.

— Carapau de gato, tem um piadão! Oh Choncha, ouviste? E riram à gargalhada.

O terceiro, um moreno de cabelo engomado a polimento, comentou:

— Não vale afinar a Choncha!

— Eu cá não sou peluda...

A mana da ruiva voltou-se tôda no banco para perguntar, cheia de maldade:

— Oh Vasto, sabes qual foi o presente que o Rui deu à Choncha no dia dos anos dela?

— Sei lá!

— Uma «gillette»...

Num gesto instintivo a Choncha desceu a orla da saia.

Faço de Arcos, Joãozinho já simpatizava mais com as três raparigas. Achava-as modernas. Tinha inveja daqueles desportivos que as tratavam com uma semcerimônia verdadeiramente aristocrática.

O â-vontade delas e dêles! E o brilhante do alto... Um brilhante. O subconsciente dava-lhe encontros na fantasia: «Quantos contos uma pedra daquelas?... Sim, uns poucos de contos?... Não penses nisso, palerma!

Uma tristeza vaga mas cruel pungia-o. Com os oitocentos escudos do Ministério nunca lhe seria possível comprar um anel assim. E o prédiozio do pai humilhou-o. Rez-do-chão, primeiro andar, águas furtadas... Que diabo era isso? E lá para Telheiras. Setenta contos, quando muito.

Por causa dêstes pensamentos foi o último a descer na estação, e durante uns minutos vacillou no caminho a seguir. A melancolia inci-



— Que é isso, rapaz. Estás nervoso?

postos, queimados, que êle via passar na rua do Arsenal com as «raquettes» do «tennis», a caminho da linha de Cascais. Eram os tais filhos-famílias endinheirados que deviam beber «wisky» e pagar «cocktails» às refugiadas, nos bancos peraltas do Casino.

E o Joãozinho uma tarde comprou uma ida e volta de primeira para o Estoril. Queria estudá-los de perto, vê-los bem na moldura janota da Costa do Sol, apanhar-lhes os gestos e o ar. Depois, talvez a ideal loira cinéfila pudesse tornar-se numa realidade tangível. Todo lèpido, tomou lugar na carruagem cinco minutos antes da partida. Só lá estava aquela senhora gorda que em todos os combóios chega primeira para os primeiros lugares.

cha?

A interpelada respondeu: — É muito jóia... — e, distarçadamente, piscava um olho maldoso à mana, a fazer troça, a criticar.

O João não gostou delas. Achou-as ordinárias.

Um coice da automotora deu-lhe a entender que o combóio ia partir.

Ruído atabalhoado de gente que sobe à pressa e a carruagem move-se, a recuar.

Foram quatro rapazes os últimos a subir.

— Oh, Pá, o sol é da direita. Gira p'ráli!

E todos três se arrumaram à esquerda.

Estes, sim. Eram do ligurino sonhado pelo Joãozinho.

Todas êlas tinham um mal-ama-

tava-o a voltar no primeiro combóio. Aquella vida, não era para elle, e olhava para os terraços do Casino como Adão para a porta do Eden depois da chulipa do Arcação.

Uma voz forte chamou-o.  
—Oh Joãozinho!

Voltou-se. Era o Gomes, um collega no Ministério que, delictivo de zipender, todo vestido de branco, esparava o combóio para Lisboa. Joãozinho atravessou a linha e foi juntar-se ao camarada.

—Homem! Coíu algum santo do altar abaixo? Tu por aqui? Fazia-te lá para a rua António Pedro a resar pelas contas!

O João, com ar superior, muito Costa do Sol, respondeu-lhe com outra pergunta:

—Então a linha do Estoril é só para ti?

E com um sorriso magano, tornou misteriosa a resposta.

—Já vi tudo. Bem, adeus, boa sorte! Já lá vem o combóio.

Joãozinho viu-o subir para o compartimento e desaparecer. Ficou triste. Que estava elle a fazer no Estoril, se não conhecia ninguém naquele mundo tão alheio á sua órbita de vida. Dava ao diabo o encontro com o Gomes. Se não o tem encontrado já iria a caminho de Lisboa. E, afinal, porque não tinha ido? O risinho de mistério não perçia o sentido por elle voltar para a cidade. —Sou um palerma!

Aborrecido, viu as horas no pulso e desceu á praia.

Estava lá o alto, meio nú, em grande exhibição de pêlos, debaixo dum tóido, rodeado de raparigas que riam muito. No dedo d'elle, o brilhante faiscava descoloradamente.

Joãozinho ficou pensativo uns momentos e, depois duma volta curta pela beira-mar, tornou a subir os degraus da estação. Sentou-se á espera do combóio a chupar um cigarro e a olhar o Casino, lá em cima, muito branco entre verduras civilizadas. Raparigas atravessaram a linha a tairocar nas pranchas.

A do vestido de malha passou com outras, vestida á ligeira; elle conheceu-a pelos olhos e pelos cabelos e pensou: —Lá vai ella namorar o anel do alto. E olhou com tristeza para os dedos órfãos.

Minutos depois chegava o combóio e o Joãozinho, triste, muito triste, voltava para Lisboa. Da sua primeira fuga de estroince trazia apenas na memória e na retina a ideia dum brilhante grande num dedo trigueiro com pêlos negros na falange.

Chegado ao Cais do Sodrê, de-sejou ver-se em casa, á mesa da familia, entre o pai e a tia velha, a ouvir a mãe dizer-lhe amoravelmente: —Come mais um pastelinho, João! —Não te esqueças da tua lodalose.

Jantou, leu umas páginas de Jorge Ohnet e adormeceu, a ver diluir-se no clarão argênteo do espelho do guarda-fato a sombra dum dedo peludo com uma pedra branca a faiscar...

\* \* \*

Tôdas as tardes, depois daquella ida ao Estoril, João da Costa, á saída da repartição, em vez de tomar logo o carro de Almirante Reis, ia visitar a montra dum ourives e passear a vista pelas jóias expostas. Demorava o olhar numa tábua lorrada de veludo preto, onde estavam anéis de prata, de ouro amarelo e de ouro branco, todos com pedras rutilantes. Um

papelinho escrito à mão elucidava: **Safiras brancas — a mais perfeita imitação dos brilhantes. Desde 150 a 450 escudos. Nunca se altera o brilho.**

O João mirava, remirava, a procurar ângulos para avaliar o faiscar das pedras. «Aquêlê», dizia para si e tornava a espreitar de lado, de frente, a três quartos, um anel de ouro amarelo.

Finalmente chegou o fim do mês e Joãozinho aloitou-se. «Quero vê-lo na minha mão!» — E entrou na loja do ourives.

Realmente, na penumbra sábia do estabelecimento, onde a luz de fora entrava fragmentada pelos claros do vidro da montra e a de dentro saía dum lustre de lâmpadas fôscas minúsculas, a pedra brilhava como um diamante de boa água. Fazia luzinhas verdes e vermelhas como as verdadeiras e, posta no dedo, dum homem bem vestido, enganaria um santo. Ali, dentro da loja, pelo menos.

Joãozinho teve um arranço de audácia e comprou o anel. Trezentos e cinqüenta escudos não era quantia que o arruinasse.

Quando saiu do ourives olhou para o dedo e envergonhou-se. Meteu a mão no bolso das calças e foi apanhar o eléctrico. A subir a escada paterna tirou a jóia e guardou-a num cantinho duma algibeira do colete.

Ele não queria esconder dos autores dos seus dias aquella opulência, mas, assim, já, já, sem um pretexto, tinha vergonha e tinha medo de que a tia velha lhe dissesse que nas lojas levam mais caro ás pessoas que trazem anéis ricos.

A noite, não resistiu e foi ao Central. Percebeu que nos intervalos lhe olhavam para o dedo. Uma espanhola que estava na coxia da outra fila, voltara-se umas poucas de vezes para olhar para a pedra e para elle. Joãozinho còreu e sentiu um arrepio delicioso marinhar-lhe pela espinha. Lembrou-se das outras no vagão do Estoril e do dedo peludo do trançalhadanças moreno.

Mas a verdadeiro estreja do brilhante foi no domingo seguinte. Ao meio dia estava o João na rua com o fato azul de jaquetão, os sapatos novos, colarinho de goma e, logo ao sair a porta, enfiou o anel no dedo.

No eléctrico procurou a ponta do banco do lado do sol e então era ver a pedra rebrilhar. Atirava para o espaço raios fortes, faiscas de luz que bailavam uma dança nervosa nas costas largas do passageiro do banco da frente que ia todo vestido de preto.

Joãozinho sentia-se maior. Saber que a pedra era uma safira branca dava-lhe um bocadinho de pena, isso dava, mas ella brilhava tanto!

Mal chegou ao Rossio foi á Chave de Ouro tomar um café. Lá em cima, a pedra brilhava menos; a luz difusa não arrancava daquêlê pedaço de quartzo as chispas vivas que a carne do diamante, o carbono puro, irradiava ao menor vislumbre de claridade.

O João ficou triste, a olhar para a sua jóia moribunda.

O Vieira da repartição veio ter com elle, abançou e falaram das próximas férias.

De repente o Vieira reparou no anel.

—Eh, Pál! Trazes aí o fundo dum copo! Deixa cá ver, deixa cá ver... Tás alto!

Joãozinho, contrariado, estendeu a mão e o outro mirou de perto e calhou. Com um sorriso guioso, comentou:

—Se fôsse a valer! Ainda eram «uns quilos» no «verdugo»!... Mas isso á noite mete impressão.

O João não disse nada mas ficou mais triste.

O Vieira, com uma inconsciência cruel, acrescentou:

—Com a mão a mexer não se percebe que é falsa. Ora fazê lá assim...

E pôs-se a sacudir os dedos. Joãozinho obedeceu e a pedra animou-se, criou vida, acordou.

—Vês? Isso á noite, numa sala, a gesticular, a presumir e é «vé-las tôdas derretidas»... Sempre me saíste um pardal!

Joãozinho sorria todo contente por lhe atribuirem propósitos danados de sedução. Então o anel sempre servia para alguma coisa. E conformou-se mais com a pouca vida da pedra.

Conformou-se mas não esqueceu a observação do Vieira. Logo que este o deixou só, começou elle, discretamente, a estudar a oscillação dos dedos. Realmente, assim em movimento, a safira lançava chispas, encandeava os olhos, chamava a atenção.

Aquêlê mau juizo do Vieira também lhe deitou na vaidade umas gotas de mel perverso.

«Sempre me saíste um pardal!» — dissera elle a julgá-lo um conquistador capcioso, um estroina á succapa. Homem de pândegas e de notidades.



O SR. MÁRIO SAMPAIO RIBEIRO pronunciando na esplanada de S. Pedro de Alcântara a sua conferência sobre «Luiza Todis — uma iniciativa do grupo «Amigos de Lisboa».

24 30-7



# OS CANADIANOS PREPARAM-SE PARA A INVASÃO DO CONTINENTE

Vida  
**MUNDIAL**  
da Semana

NAS ILHAS BRITÂNICAS, os soldados estão prontos para entrar em acção. Após numerosas travessias do Atlântico, em grandes transportes de guerra fortemente protegidos por unidades das esquadras britânica e americana, instalou-se na Grã-Bretanha um forte corpo expedicionário cuja acção se revelou já nos «raídos» «Comandos». A foto mostra-nos alguns soldados dos «hussards» canadianos preparando as munições para um «tank» «General Stewart».